

CONTOS PARA TODAS AS IDADES

Por

ISIDRO E. RODRIGUES

Nota Biográfica

Nascido em 1942 no concelho de Castelo Branco, Isidro Rodrigues passou a infância em Buarcos / Figueira da Foz. Aos seis anos, a deficiência visual - diagnosticada três anos antes - inicia um ciclo de progressiva aceleração, tornando-o deficiente visual total, quando tinha apenas dez anos.

Em 1954 - após frustradas tentativas de seus pais para o conseguir mais cedo -, ingressou, tendo já 12 anos, no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, de onde, nove anos mais tarde, saiu, após ter concluído o Curso Geral dos Liceus e adquirido uma razoável formação musical.

Seguiram-se, já fora do colégio, o Sexto e o Sétimo anos dos Liceus, ingressando em 1968 na Faculdade de Letras de Lisboa, onde em 1974 se licenciou em Filologia Germânica.

Em 1977-79, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, fez o curso pós-graduação de Ciências Documentais.

A partir dos 22 anos tornou-se auto-suficiente, dando explicações de Francês e Inglês e, como prof. no Ensino particular (na Liga de Cegos João de Deus), de Geografia e de Ciências Naturais.

Aos 26 anos iniciou funções na Área de Leitura para Deficientes Visuais (ALDV) da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), sendo nomeado Responsável de Área em 2004, função que desempenhou até 2011, ano em que passou à reforma, cumpridos que foram 43 anos e 6 meses no desempenho das funções que progressivamente lhe foram sendo confiadas.

Ainda que com o estatuto de prestador de colaboração voluntária, continuou a dirigir o Periódico trimestral " Ponto e Som ", publicado pela ALDV, a representar esta no " Núcleo do Braille e Meios Complementares de Leitura ", a realizar produção tanto do audiolivro como do livro electrónico e do Braille em suporte papel.

Ao longo dos anos, publicou artigos e realizou conferências de índole tifológica e biblioteconómica; elaborou e traduziu documentação técnica; consagrou parte das suas actividades à produção literária, tendo trazido a público ensaios, contos para todas as idades e uma monografia (" Os deficientes visuais portugueses: sua acessibilidade à educação e à cultura desde o advento do século XX ao dealbar do terceiro milénio "), monografia que foi galardoada com o Prémio Branco Rodrigues atribuído em 2011; foi monitor de cursos de

informática (no Centro de Inovação para Deficientes) e biblioteconomia (na Associação de Cegos Luís Braille) programados para deficientes visuais; e no tifoassocitivismo manteve uma actividade persistente durante 41 anos, tendo sido a primeira pessoa com deficiência visual a ser eleita para Presidente de Direcção das Associações de Cegos (mandato de 1976-78, na Liga de Cegos João de Deus). Nesta qualidade rompeu com o isolacionismo das associações de cegos portuguesas, ao filiar a Liga de Cegos, em 1977, na Federação Internacional de Cegos e nesse mesmo ano desencadeou, e impulsionou nos anos seguintes, o processo OCEP (Organização dos Cegos Portugueses), predecessor daquele que em 1987, também por sua mão conduzido, gerou a ACAPO (Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal). Foi elemento preponderante nas comissões, nas Assembleias Gerais, na Assembleia Constituinte, na Comissão Instaladora, foi activo membro da Assembleia de Representantes (órgão máximo da ACAPO) da qual foi Presidente no primeiro triénio deste Século.

Primeiro em representação da Liga de Cegos e mais tarde em representação da Associação Portuguesa de Criatividade foi membro do CNR do SNR e, em 1989-90, em comissão de serviço, organizou o núcleo Braille, secretariando a Comissão de Braille em função neste secretariado.

Como cidadão consciente dos seus direitos e deveres, sempre orientou a sua vida para tudo o que pudesse contribuir para que o exercício da sua cidadania fosse o mais normal possível. Assim, em 1989, quando foi presenteado pelo dom da paternidade, filiou-se no Partido Socialista, passando a dedicar-se à actividade política mais consistente. Em representação do PS, teve assento na Assembleia de Freguesia da Damaia ao longo de 16 anos e integrou o Secretariado de Secção da mesma Freguesia, tendo nela organizado palestras e proferido conferências de cariz tiflológico.

Lisboa, 23 de Abril de 2012

O MONTANHÊS DESCOBRE OS MISTÉRIOS DO MUNDO MÁGICO

Um aldeão descia das montanhas do Sul pela pedregosa estrada que, rumo à planície, sempre acompanhando o curso do rio, era a única via que permitia aos montanheses manter contactos regulares com os habitantes das terras baixas, ao Norte. Caminhava o montanhês, alegremente assobiando, montado na sua carroça que ia rolando envolta por um manto de neblina que começava agora a dissipar-se.

O Sol, surgindo à direita por sobre as montanhas que a Leste formam uma muralha natural, já inundava de luz as copas das fantásticas árvores que formam a magnífica e misteriosa floresta que, desde o rio até à dita muralha natural, ocupa por inteiro a região. Cada vez mais visível, lá no alto, o Astro-Rei começava agora a dardejar com os seus raios de fogo criador as camadas mais baixas da atmosfera, reduzindo a nada o manto fantasmagórico que durante a noite e a madrugada ocultara a actividade de criaturas mágicas que nunca se deixavam ver, porque ao alvorecer recolhiam à densa floresta que os protegia das agressividades do Homem, o maior inimigo da Natureza.

Saudavelmente alegre, sempre cantarolando e assobiando, lá ia ele a caminho da localidade onde se abastecia dos produtos necessários que vendia, na sua loja, aos conterrâneos. Aproximando-se então de uma vereda que do rio, à esquerda, vinha até à estrada, avistou um gnomo que se atrasara na recolha de algas do rio que agora, correndo para a densa floresta, transportava às costas, em feixe escorrendo abundante água.

Surpreendido com aquela visão, saltou rapidamente da carroça para o chão; prendeu a uma árvore, à beira da estrada, o cavalo e correu atrás daquele homem minúsculo que se esgueirava por estreitos e tortuosos caminhos no interior de um universo vegetal quase impenetrável.

Arranhando-se aqui num espinheiro, escorregando mais além, caindo e levantando-se de imediato, rasgando sempre o caminho por onde a custo ia avançando, o corajoso aldeão das montanhas não desistia da sua perseguição; queria conhecer, por pouco que fosse, aquele mundo misterioso de que os antigos contavam histórias de encantar.

Tendo já perdido de vista o gnomo que perseguia, chegou o montanhês a uma clareira deslumbrante, coberta de relvados verdejantes, de jardins ostentando as mais fabulosas flores que enchiam a atmosfera de fragrâncias inebriantes, em que por toda a parte fontes de frescas águas cristalinas onde nasciam regatos que, espreguiçando-se ao sol por entre vegetação exuberantemente verde e odorífera, iam desaguar em

lagos povoados de espécies de peixes nunca vistos. Em êxtase, esquecera-se do que o trouxera ali.

ele toda aquela maravilha, onde aves de lindas plumagens, cruzando o céu límpido e sereno, o enchiam, com as suas vozes canoras, às quais se juntavam os cantos de cisnes e outras aves lacustres, de uma música celestial que lhe inundava a alma, quando, estando assim assombrado face àquele mundo paradisíaco, foi despertado por alguém que suavemente o chamava. Lembrou-se então do que o trouxera ali e dirigiu-se à Senhora autora do chamamento, que à porta da sua casa se apresentava em toda a sua beleza.

E se o que até então, desde que chegara à orla deste mágico universo, o deixara num encantamento jamais imaginado, ficou prostrado, estarrecido, num estado de alma inexplicável, ao contemplar aquela criatura divinal, de olhos de um azul celeste, brilhando que nem dois sóis, de cabelos em loiros caracóis prateados, de pele sedosa e luminosa como o luar que torna dia a escura noite, de estatura e formas corporais harmoniosas, nunca vistas por olhos humanos, de gestos afáveis e voz angelical, que lhe diz:

— Eu sou a fada que habita esta casa e reina nas regiões que se abrigam no interior desta floresta. Não temas, porque mal algum te vai suceder. Eu sou uma fada benfazeja. Estou surpreendida por ter sido possível um habitante do exterior vir até aqui. Como pôde isso acontecer? Que pretendes de nós?

Assombrado ainda, tentou, o mais lucidamente que lhe foi possível, explicar tudo; todavia as palavras não lhe ocorriam, gaguejava, não conseguindo libertar-se daquela esmagadora perturbação.

— Eu... vi'vinha n'na estrada... e vi um ho'homem carregado co'com algas.

Tentando tornar o diálogo tranquilo, a bonita e afável senhora logo esclareceu:

— Ah! É o gnomo, o nosso sapateiro. Ele tinha ido recolher algas no rio, matéria-prima com que fabrica o calçado que todos nós, os habitantes do meu reino, usamos e que alguns privilegiados do vosso mundo, por vezes, conseguem adquirir. Bem! Tu transgrediste as normas de segurança estabelecidas no meu reino; ultrapassaste as fronteiras sem que isso te tivesse sido autorizado. Todavia, porque me pareces um bom homem e porque julgo que o fizeste por ingenuidade, não tendo qualquer intenção maldosa, eu vou facilitar-te as coisas: vou ajudar-te a satisfazeres a tua curiosidade. Queres conhecer de perto o nosso sapateiro, não é verdade? Pois bem, a minha aia vai acompanhar-te até casa dele. Ela ensinar-te-á o caminho e proteger-te-á das armadilhas dos anões malfeitores e de muitos outros perigos que poderão ser-te fatais. Ao verem-te passar os guardas e os restantes habitantes deste mundo paralelo, que a densa floresta esconde no seu seio, iriam considerar-te um perigoso intruso, um inimigo a

abater, porque ninguém aqui te conhece, ninguém suspeita das tuas verdadeiras intenções.

Acto contínuo, surgiu junto da fada-rainha a anunciada aia que, de imediato, se aproximou do montanhês, pegou-lhe na mão e, num acto de magia, fê-lo deslizar velozmente por caminhos-rolantes, sem que os seus pés tivessem que se mover. Perturbado pela sensação daquela mão quente e macia que pegava na sua rude mão de campónio, embriagado pelos aromas por ela exalados e a beleza que irradiava, percorreu aquele éden nunca antes sonhado e logo avistou a casinha habitada pelo gnomo que o atraía àquele fabuloso reino encantado.

Então, aquela delicada e encantadora donzela, cuja proximidade e contacto carnal lhe excitava a sensualidade, explicou ao dono da casa o que havia acontecido e disse-lhe para acolher com amizade o visitante.

— Estas são as ordens da Nossa Senhora, a Fada Rosalinda — declarou ela. — Eu, por mim, espero que o vosso entendimento seja óptimo; seja franco e leal.

Dizendo isto, estendeu a mão ao montanhês, num adeus amistoso, e desapareceu da sua vista, tão misteriosamente como havia aparecido.

Ficando sós, o gnomo tomou a palavra para saudar o estranho visitante e disse:

— Quando o vi a seguir-me já no interior da floresta, confesso que tive medo, enquanto não ultrapassei a fronteira do nosso mundo de magia. E afinal o amigo vinha atrás de mim apenas pela curiosidade de saber por que vinha este homem pequenino, que sou eu, com um feixe de algas às costas. Pois bem, agora que já sei quem o amigo é e o amigo conhece já, em parte, o mundo que existe no seio desta floresta, podemos conversar calmamente sobre as algas que tanta confusão lhe causou e o lançou nesta aventura.

Sentaram-se então num banco de pedra existente no quintal, junto à porta de entrada da casa, e ali, ao sol, o gnomo explicou-lhe que aquelas algas eram a matéria-prima com que fabricava os sapatos que todos eles usavam, desde o mais simples agricultor até à Fada-Rainha.

Não compreendendo como era possível calçarem-se sapatos tão frágeis, o montanhês manifestou as suas dúvidas:

— Mas como é possível fazer-se calçado de matéria tão frágil e como se podem usar sapatos que ao menor toque se desagregam completamente?

— Não faça confusão ao amigo essas ninharias — atalhou o gnomo -, eu faço sapatos para todos nós e também para muitos privilegiados que vivem no vosso mundo. Olhe, aqueles sapatinhos, que ali vê, são para a princesa Brunilde calçar no dia do seu casamento; e aquelas botas

de montanhês, ofereço-as ao amigo. Pode levá-las já calçadas e vai ver que se sentirá confortavelmente com elas.

Ao ouvir isto e vendo todos os sapatos que secavam ao sol, o montanhês redarguiu um pouco indignado, porque pensava que o seu anfitrião fazia mofa dele:

— Mas parece-me que está a brincar comigo. Julga que não vejo que o que ali está é cabedal puro, é pele fina, sola da boa.

— O amigo não se amofine, aquilo é de facto tudo o que acaba de dizer; contudo, antes de o ser, eram puras algas que eu transformei nos materiais que ali vê, fazendo-as passar por um tratamento com solutos que eu para tal preparo.

Ouvindo isto, o montanhês logo começou a magicar uma estratégia de cooperação comercial entre os povos da montanha — donde era oriundo — e aquele sapateiro tão especial e habilidoso que, inclusivamente, tinha conhecimentos que lhe permitiam converter, nos materiais de que precisava, substâncias julgadas inapropriadas pelo comum das criaturas. Assim, passando dos pensamentos à acção, apresentou ao gnomo os seus planos:

— Pelo que oiço, vocês mantêm relações comerciais com o exterior. Ora isso leva-me a concluir que lhe posso propor o seguinte: eu passo a fornecer-vos produtos originários da montanha — como leite, queijo, manteiga, ovos, aves e

outras carnes, peles de raposa, de camurça, de ovelha, de cabra, coelho, etc., e vocês fornecer-me-ão, em troca, calçado, sacos, mochilas, malas e outros artigos por vós produzidos, mercadorias que venderei na minha loja aos meus conterrâneos.

— Por mim, não tenho nada a opor — disse o gnomo. — Entendo até que a proposta do amigo é vantajosa para ambos. Deste modo nós poderemos passar a consumir produtos que até agora não têm sido habituais entre nós e, acima de tudo, há um bem muito mais importante do que todas as vantagens materiais: através destes laços comerciais, vocês, os humanos, conhecerão de perto uma outra realidade, ou seja, a nossa existência, que no passado tem sido, entre vós, apenas do domínio do imaginário. Assim, passaremos, com toda a certeza, a coexistir pacificamente e nós, os viventes deste lado do mundo, deixaremos de ter receio de vos aparecer, não precisaremos mais de andar escondidos. Vamos para a frente com o projecto do amigo. Seja corajoso e transforme esta sua aventura num acontecimento que abra as portas a um novo ciclo na relação entre todas as criaturas que povoam a Terra — nossa casa comum.

Estando eles em franca e amigável cavaqueira, outros gnomos, duendes, anões, faunos, elfos e outros habitantes daquele reino se lhes juntaram. A todos o anfitrião ia apresentando o seu visitante e todos se mostravam afáveis e muito interessados, tanto no convívio que decorria, como nas relações comerciais que planeavam.

Decididos todos a cumprir o tratado que haviam estabelecido — não por documento escrito mas por palavra honrada -, despediram-se uns dos outros, e assim o montanhês voltou à sua terra, na montanha, onde, sem desânimo, realizou um trabalho notável, que garantiu o êxito do que contratara com os habitantes do mundo paralelo existente no seio da Natureza que, com o amor de mãe, o tem protegido do Homem, a Criatura mais depredadora à face da Terra.

.....

A FADA SALVADORA

Na cozinha, embora ainda seja noite escura, já se ouve barulho, já a mãe está a trabalhar intensamente, preparando os fritos, fazendo sanduíches de espécies variadas, ou seja, de queijo, chouriço, presunto, ovos cozidos ou mexidos, de carne assada, galinha frita, etc. Ela mete em grandes cestos e sacos os alimentos que vão ficando prontos; enche a caixa refrigeradora de bebidas diversas, queijinhos frescos, apetitosa doçaria, fruta. Há comida deliciosa e bebidas suficientes para o piquenique de um regimento.

Estando tudo isto pronto, o marido, que entretanto cuidara da sua higiene matinal, preparara o jeep e metera na sua bagageira a mesa e as cadeiras de campismo, baloiços e outras estruturas recreativas, mantas e, enfim, tudo o necessário para uma família passar um bom dia no campo. Transporta para a viatura os víveres que consumirão durante o dia, que se adivinha sereno e quente.

Apesar de toda esta movimentação, do gigantesco coro das aves que lá fora, no quintal, cruzando os ares, enchem a atmosfera com as suas canoras vozes, Cila continuava a dormir, porque durante a noite estivera excitada, ansiosa

por ver chegar o dia em que iria, com os seus primos, passar, no seio da Natureza que tanto amava.

O Sol começava já a inundar-lhe o quarto, porque a sua mãe havia subido o estore para que ela fosse acordando com a claridade da manhã. Beijavam-lhe já a loira cabecinha os meigos raios solares e ela acordou, finalmente, ao sentir no rosto esta doce carícia. Salta de imediato para o chão e corre à casa de banho para ainda se apressar a tempo de poder participar na azáfama dos preparativos para o grande dia de folia no campo.

Todos se mostram activos e alegres, apressam-se para partir ainda antes que o sol aqueça demasiadamente.

Partem finalmente, o pai ao volante, a mãe ao seu lado e os restantes adultos e as crianças nos lugares de trás, lá vão eles por estradas, caminhos e picadas, embrenhando-se cada vez mais na fresca floresta que os acolhe, festiva, sob as frondosas copas das grandes árvores, que, com as suas sombras frescas e reconfortantes, protegem do sol quente, que já vai alto, a vida fervilhante em baixo e nas ramagens que se estendem a saudar quem passa. Percorridas algumas centenas de metros no interior daquela frondosa floresta, estacionam o jeep à sombra de um velho carvalho, transportam os víveres e os equipamentos de campismo para junto de um ribeiro em cujas margens existem deliciosos recantos atapetados de frescos e verdejantes relvados e, protegidos do sol por densas ramarias, povoadas das mais variadas espécies de

aves que incansavelmente alegram, com os seus cantos maravilhosos, aquela extensão de paraíso terrestre.

O lugar onde assentam arraiais é, na verdade, de um encanto incomparável, no qual se respira uma atmosfera de magia, se podem admirar, para além de tudo o que já conhecemos, a ribeira, de águas cristalinas onde abundam peixes coloridos de imensas espécies, a infindável quantidade de plantas diversificadas que das suas margens se debruçam sobre a corrente que vai saltitando de pedra em pedra cantarolando a melodia que, um pouco mais abaixo, ao galgar o açude, se intensifica enormemente.

A disposição de todos é ótima: come-se e bebe-se com apetite; canta-se e dança-se; salta-se e corre-se; há quem se refresque nas águas do ribeiro. Os mais velhos, sentados ou deitados à sombra, conversam descansadamente ou contam anedotas.

As crianças, essas, não param um momento: saltam a corda, andam nos baloiços, trepam às árvores, fazem barcos de papel ou de pequenos troncos, que põem a navegar na corrente que os arrasta de imediato para o precipício da queda de água, ali tão perto. Tudo aqui é bom: ótima a comida e a bebida; são deliciosas as amoras e outros frutos silvestres; é puro o ar que se respira, maravilhosa a paisagem; são excitantes os divertimentos; é reconfortante o repouso.

Assim, neste éden, quase igual àquele em que o Criador Divino colocou Adão e Eva, passa suavemente o dia, quase sem se dar por isso. Ali, em ambiente de sonho e magia, ninguém dá pelo decurso do tempo, ninguém se lembra de que os relógios continuam sem cessar a marcar as horas que fogem, e só despertam para a realidade, quando as sombras se começam a alongar para leste e as crianças, finalmente cansadas, vêm em busca das ternuras maternas.

O dia foi maravilhoso, passado no seio da mãe Natureza, onde nem a presença de veados, javalis, coelhos e outros mamíferos faltou.

O dia aproxima-se calma e serenamente do seu fim! Os adultos começam já a levantar o acampamento! Sem pressas transportam-se para o jeep os equipamentos trazidos para o piquenique, bem como os restos de comida e mesmo os lixos — porque esta família civilizada recusa pertencer ao número dos que poluem e degradam o ambiente. Todos estão prontos para a partida; mas, entretanto, o pai de Cila vai à parte debaixo do açude chamar a menina que ainda há pouquinho havia sido vista a brincar, tentando apanhar um barbo que sempre se escapava, umas vezes por debaixo da viçosa e abundante verdura que se debruçava das margens, outras, se escondia sob os seixos que cobriam o fundo do poço, cavado pela força da queda da água.

— Cecília — chama ele já um pouco preocupado. Mas de Cecília nenhum sinal. Procuram-na por todo o lado,

descendo mesmo até à confluência do ribeiro com o rio principal que corre umas centenas de metros mais para Sul. A aflição é já muita. As crianças e a mãe de Cila não conseguem conter as lágrimas que lhes correm pelas faces. O pai, embora também angustiado, tenta raciocinar, convencendo-se de que não há perigos em toda a zona que possam ter feito desaparecer a sua menina.

— Talvez a marota, que conhece bem estes caminhos, tenha regressado a casa sozinha.

Estas frases monologadas dolorosamente pronuncia-as ele, quase inaudíveis, num esforço último para manter viva a esperança de, de um momento para o outro, ver surgir à sua frente a sua filhinha.

Assim, esforçando-se todos por manter acesa a luz da esperança, logo se apressam, indo alguns a pé, para passar a pente fino o percurso que conduz até à vila.

Nada. Nenhum vestígio da menina. Onde poderá ela estar?

Deixemos por agora a família no caminho para casa, procurando-a em cada recanto, e vejamos então o que se passou.

A Cila estivera a brincar com os primos no poço do açude. Quando estes, finalmente cansados, vieram em busca dos mimosos maternos, ela ficara deliciando-se com os peixinhos e, depois, já em pleno fim de tarde, com os animais que vinham beber nos locais habituais. Neste encanto, Cila abeira-se de um veado que se deixa acariciar. Este, logo que desse dentado, afasta-se do ribeiro, embrenhando-se na mata. Cila corre sempre com ele até que, cansada já, o perde de vista e, porque não consegue encontrar o caminho de regresso à clareira, junto do curso de água, de onde se afastara descuidadamente, começa a ficar cada vez mais em pânico à medida que a noite cobre com o seu manto negro toda a floresta. Chorando, procura sem sucesso o caminho por onde viera até ali. O desespero é grande; a menina está apavorada; grita por socorro.

E em boa hora o faz, pois o seu apelo é ouvido pela fada Sieglinda, que deixa de imediato o conforto da linda e mágica casa que, ali bem perto, na clareira, vai ser o porto de abrigo para a menina aventureira, que, presa ao sonho e ao encanto, ao amor pela Natureza, não pensou no imprevisto, nos perigos que poderiam surgir de um momento para o outro.

Banhada em lágrimas, Cila, ao ver aproximar-se a Senhora daqueles bosques, e percebendo, pela ternura com que esta se lhe dirige, que está salva, sente que dela se apodera a calma, a confiança sem reservas. Lança--se nos braços daquela linda senhora, que irradia bondade,

ternura, amor sem limites; confia-se àquela doce aparição salvadora.

Já no interior da habitação, a fada, depois de ter reconfortado a menina com saborosas iguarias e com o ambiente acolhedor aí existente, segura a sua varinha mágica e com ela convoca o cavaleiro Siegmundo, guarda da floresta, a apresentar-se de imediato.

Este, não se fazendo rogado, surge quase espontaneamente, deixando atónita a menina que assiste, confiante, a tudo isto, e escuta com atenção as ordens que a sua protectora dá ao cavaleiro.

Mal este se apresenta, a fada, sem perder um segundo que seja, diz, com autoridade, mas respeitosamente:

— Caro Cavaleiro, guarda destes reinos, não sei onde tens estado metido, que nem deste por esta menina se ter perdido no território que te está confiado. Doravante não quero que isto volte a acontecer. A Natureza é linda! E é bom que todos a respeitem e nela se sintam felizes. Não quero que o Mundo que habitamos seja danificado pelos humanos, mas também não admito que alguém encontre nele a tristeza, se sinta infeliz, e muito menos em desespero como eu vi a Cilinha. Para remediares o sucedido, vai rapidamente levar a menina aos seus pais, que devem estar a viver horas de grande amargura e sofrimento. Vá — continuou ela, sorridente e fazendo ao mesmo tempo uma carícia no rosto de Cila —, rápido; não percas tempo. Abrevia o mais que puderes o sofrimento

dos outros, tal como desejas que os outros aliviem os teus males. Vá, põe com muito cuidado a menina sobre a sela do cavalo e ala, mais depressa que o vento.

Escutadas, com todo o respeito, estas ordens amavelmente transmitidas, logo o cavaleiro as executa e, num ápice, tão veloz quanto um míssil, chega à porta da casa de Cila, precisamente ao mesmo tempo que a sua aflita família.

Todos a querem apertar nos braços para se certificarem de que estão acordados, que aquilo não é um sonho; todos anseiam por sentir o bater do seu coração de encontro aos seus, ouvir o seu respirar, ter a certeza de que é mesmo ela e está realmente viva.

Então, o cavaleiro, realizada a sua missão e após ter informado os pais do sucedido, desaparece com o seu cavalo nas asas do vento.

.....

JOÃO E CLARA NA ILHA DE SONHO

Clara, ao acordar, ouve a mãe que no quintal anda já a tratar da bicharada. Salta da cama, corre à casa de banho para fazer as suas necessidades matinais e tomar um duche rápido, vai à cozinha onde come uma maçã reineta e uma pratada de flocos de aveia que a mãe deixara já preparada para ela em cima da mesa; corre ao quintal, verifica que o dia promete ser quente e luminoso e pergunta à mãe pelo irmão.

Esta, sem deixar de regar os canteiros, onde florescem hortenses, goivos, cravos, amores-perfeitos, rosas e outras espécies, diz-lhe:

— Oh minha querida, o teu irmão já há mais de uma hora que se raspou para a praia. Agora já ele deve ter tomado uma boa banhoca.

Ouvindo isto, Clara vai buscar o fato-de-banho e a toalha e, dizendo adeus à mãe, corre à praia a juntar-se ao João madrugador. Rapidamente lá chega — o que não é de admirar, porque esta fica muito próxima da sua casa e ela é ágil quanto baste para o conseguir.

O extenso areal está lindo, branco; branco e inundado de luz; deserto de pessoas mas não das alvas gaivotas que a cobrem voando ou pousadas; não se vê lá ninguém, nem mesmo o seu irmãozinho. O mar, esse, está calmíssimo, parece um lago dormindo ao sol, um espelho cristalino onde se pode mirar a própria imagem. Percorre a praia lés a lés; corre atrás das gaivotas, que logo levantam voo e lhe fogem; banha-se na babugem das ondas que lhe acariciam o corpo magro, mas de formas harmoniosas; vai ao longo da praia, atraída por um golfinho que a conduz até um rochedo, lá ao fundo, onde descobre finalmente o mano, que anda a apanhar lapas.

Então, finalmente juntos, os dois irmãos e o golfinho ficam-se por ali a brincar, até que este os convida para dar um passeio pelo mar, montados no seu dorso.

Ouvindo esta proposta, os dois manos entreolham-se, estupefactos, não acreditando nos seus ouvidos, ou duvidando da interpretação dada às palavras do cetáceo amigo. Tanto João como Clara ficam incrédulos. Não é possível que o que julgam ter ouvido seja a sério. Eles bem gostariam que aquilo fosse verdadeiro, mas, uma coisa assim tão inesperada não podia ser aceite de ânimo leve.

Adivinhando a tempestade de emoções que a sua oferta causara no espírito dos seus amiguinhos, o golfinho logo se apressa a tirar-lhes as dúvidas:

— Meus amigos, não fiquem assim a pensar que o meu convite é uma loucura; que é qualquer coisa impraticável. Para terem a certeza de que isto não é uma ilusão, vamos fazer uma pequena experiência: João, tu que sabes nadar bem, salta para cima do meu dorso. Eu levo-te até àquela bóia, acolá. Se achares que estás a correr perigo, atiraste à água e nadas para terra.

Confiante, o menino monta o golfinho e de imediato este se afasta velozmente da orla da praia, voltando a ela em escassos minutos. A sensação é tão fantástica! O entusiasmo de João é de tal modo contagiante, que Clara não hesita um segundo para se decidir. Nesse instante tudo se prepara para os dois jovens embarcarem na mais espantosa viagem, no mais excitante e fabuloso cruzeiro.

Plenamente confiantes, João e Clara saltam para o dorso do golfinho amigo, que se compromete a proporcionar-lhes uma aventura nunca sonhada.

Assim, através de um mar de águas límpidas e cristalinas, brilhando ao sol como um gigantesco espelho, o golfinho nada veloz, para o largo. A linha da praia, de areia branquíssima salpicada por pequenas e coloridas embarcações a remos, vai ficando cada vez mais distante; a costa, umas vezes constituída por rochas abruptas, elevadas falésias e outras escarpas, promontórios altaneiros, e outras vezes por praias de todos os tamanhos e feitios, desenha-se, recortada, lá atrás, com seus cabos entrando pelo mar dentro, com pequenos golfos, baías e enseadas penetrando-a graciosamente, e

com a foz de dois rios que, em estuário, penetram o oceano com as suas doces águas. Sempre rumo ao Sul e, portanto, na direcção do sol, que se vai erguendo mais e mais na abóbada celeste, Clara e João, cavalgando o dorso da estranha montada, contemplam, de longe já, toda aquela encantadora costa, o casario que acima dela se espalha, os campos cobertos por verdejantes pomares e vinhedos, hortas e extensas searas, as vertentes de montes, colinas e até serras que mais além ostentam formações florestais onde se adivinha uma efervescente vida animal.

Chegados a um local onde havia um banco de areia e bastantes rochedos submersos, o golfinho pára para descansar um pouco e para que os seus convidados possam admirar as fantásticas paisagens marinhas existentes a escassos metros abaixo da superfície das repousantes águas, que parecem adormecidas, acariciadas pela luz solar que nelas penetra até ao fundo do mar. Então, aqueles dois felizardos ficam extasiados na contemplação do areal, de uma brancura nunca vista; rochedos dourados ostentando portas e janelas que dão para o interior de cavernas de todos os tamanhos; cavernas que servem de abrigo a cardumes imensos de peixes coloridos, que se passeiam por jardins e florestas aí existentes, formados por diversificadas espécies de algas.

O fundo do mar encanta-os; mas a hora da partida chega e eles aí vão no seu cruzeiro, que em breve os leva a uma linda ilha, na qual, ao desembarcarem, encontram um

bando de crianças que brinca na praia, vigiado pelos olhos atentos de Amélia, Cármen e José — os monitores de uma colónia de férias que todos os anos, durante os meses de Julho e Agosto, assenta arraiais nesse pequeno paraíso cercado por um mar de sonho.

Cármen, ao ver aproximar-se da orla da praia os dois meninos aventureiros, corre para eles, acompanhada pelos outros dois monitores e o bando; ajudam-nos a saltar para terra e, de imediato, lhes perguntam se estão bem, se têm fome ou sede, se precisam de alguma coisa.

Passada a surpresa do encontro e conhecendo já o que se havia passado com aqueles pequenos marinheiros, Cármen leva-os até junto de uma linda fonte cavada na rocha, de onde brota, entre verdejantes fetos e aveludados tapetes de musgo, abundante água fresca e cristalina que, formando um regato, corre para o mar, ali em baixo, cantarolando e saltitando de pedra em pedra. Aqui, serenamente, porque o leito da corrente é quase plano; ali, apressando-se, porque há uma descida em plano inclinado ou mesmo uma pequena cascata. Aí se refrescam e se consolam, matando a sede que era muita. Em seguida, as simpáticas monitoras servem às crianças, como mãezinhas carinhosas, auxiliadas pela Deolinda e pela Nair, um abundante e saboroso almoço. Todos se deliciam comendo aqueles gostosos petiscos que a tia Eugénia (excelente cozinheira) acabara de preparar com a ajuda da avó Inês, da Maria José e da Rosa.

Todos, numa grande tenda, em torno de uma mesa, também enorme, almoçam, bastante divertidos e excitados, por terem entre si dois aventureiros que não tiveram medo de vir pelo mar fora até àquela ilha, situada já bem longe da costa continental.

Terminada a refeição, os miúdos correm em debandada para a rua, como cabritos fartos de leite, a gozar o sol maravilhoso e aquele ar puríssimo que fortifica o corpo e o espírito. Entretanto, Cármen convida Clara e João a subir à colina mais alta da ilha, de onde podem admirar, até à linha do horizonte, o pedaço do planeta Terra, de que, no momento, eles são o centro.

Sobem por veredas pedregosas que atravessam bosques; serpenteiam em volta de rochedos de formatos e tonalidades diferenciados, mas todos de beleza incomparável; passam junto a fontes magníficas; atravessam regatos e ribeiros; contornam pequenos lagos, tufos de fetos e de outras plantas habitados por diversas espécies de roedores nomeadamente coelhos, lebres, esquilos e ratos -, espécies várias de insectos, como gafanhotos gigantes, lindas borboletas, cigarras que cantam por todo o lado, laboriosas abelhas que colhem o pólen das múltiplas variedades de maravilhosas flores que embelezam e perfumam cada recanto daquele éden, onde abundam também aves de cores e tamanhos muito diversificados, que voam em todas as direcções, fazendo ouvir os seus magníficos cantos.

Chegados que foram ao ponto mais alto da ilha, o deslumbramento é total!

Sobre as suas cabeças, um céu de um azul puríssimo, com o luminoso Sol já na descida que o levará, cerca de sete horas mais tarde, a mergulhar no mar, a Ocidente; aos seus pés estende-se o tapete verde, que cobre todas as vertentes até ao mar, lá em baixo, que continua azul e calmo e magnificamente ornamentado pelos muitos veleiros e luxuosos paquetes, gigantescos cargueiros e incontáveis pequenas embarcações e alguns vasos de guerra, sulcando-o em todas as direcções.

Olhando para Norte, vêem, lá ao longe, uma mancha escura que os chama à realidade. Aquela mancha é a terra onde os seus pais devem estar a sofrer, devido à sua ausência tão prolongada.

A tarde vai já quase a meio e o caminho que têm que percorrer é longo. Têm que se apressar.

Assim, descem rapidamente a colina; agradecem toda a simpatia com que os receberam e dirigem-se à praia onde o golfinho os espera, brincando no meio das pequenas ondas, que vêm rebentar na praia, desfazendo-se em espuma.

Ao vê-los, passa a rebentação, aproximando-se o mais possível da areia para que João e Clara não percam tempo no embarque. Tudo é realizado em alegria, mas com pena

de ter sido breve o tempo ali passado, num mundo de sonho, com pessoas tão encantadoras.

Em breve, o golfinho salta já nas ondas; os anfitriões gritam da praia os desejos de boa viagem para os tripulantes; o navio vivo afasta-se cada vez mais veloz. João e Clara acenam ainda um derradeiro adeus. O golfinho não nada; ganha asas e, em longos saltos, voa sobre as mansas águas, ou deixa-se transportar na crista das ondas.

A viagem corre de vento em popa. O golfinho não perde tempo. Sem descanso acelera mais e mais, porque quer deixar na praia os seus amigos, ainda antes de o Sol se esconder por detrás da linha do horizonte. O astro-rei, já ao nível do Oceano, dardeja as ondas com os seus raios fulgurantes, que fazem delas autênticos caleidoscópios. O mar está fabuloso, cheio de luz e cor, com tonalidades e cambiantes nunca por eles imaginados.

Chegam finalmente à praia e, despedindo-se do amigo cetáceo, com uma carícia na sua cabeça, correm a buscar as toalhas que haviam deixado numa furna cavada na rocha e, correndo sempre, dirigem-se a casa, pressentindo que os pais estejam em pânico, devido à sua longa ausência.

Felizmente tal não sucede, porque eles estavam convencidos de que os seus filhos estariam, como tantas vezes, em casa dos tios, na brincadeira com os primos.

Ouvindo aquela história, o casal nem quer acreditar que os filhos estejam a falar verdade. De princípio, pensam que os meninos estão a brincar; mas, à medida que vão conhecendo os pormenores, têm que admitir ser verdadeira a história contada pelos dois aventureiros, já que a descrição da ilha corresponde inteiramente à realidade. A ilha é mesmo verdadeira, existe, de facto, lá para Sul, a algumas milhas da costa, e é habitualmente escolhida para nela se instalar uma colónia de férias durante os meses de Verão.

O PEIXINHO VERMELHO PROCURA OUTROS HORIZONTES

Nos contrafortes da Serra da Estrela existia um lago onde a abundância de peixe era grande. Todos viviam ali, contentes e em paz, rodeados de rochedos que tornavam o lago quase inacessível aos inimigos que dele se quisessem aproximar. A vida nele era calma.

Os peixes, por um lado, não tinham que se esforçar para conseguir alimentação e, por outro, não tinham que temer fosse o que fosse, porque perigos não os havia. Tudo era sereno e pacífico, não havia preocupações que quebrassem a monotonia diária, nada acontecia que pudesse tornar um momento diferente dos anteriormente vividos, até que um dia um peixinho vermelho que pertencia a um cardume onde a insatisfação se ia instalando, se decidiu a trocar aquele pachorrento passar do tempo por uma vida de aventura que lhe permitisse adquirir sabedoria, conhecer novas terras, outras regiões e outros seres vivos; nadar em águas mais vastas, mais agitadas; percorrer rios largos e profundos com águas vertiginosas e, quem sabe, descer por eles até ao mar, lá muito longe, segundo diziam as enguias que de lá vinham quando eram novas e para lá voltavam quando já adultas; adquirir o conhecimento que só a experiência ensina; fugir à modorra, à ignorância de quem nasce, cresce e morre num espaço tão

limitado. Ele aspirava à liberdade, à responsabilidade pelos seus actos, pela sua própria vida. Desejava ser diferente, ser activo, ter sensações novas; queria enriquecer o espírito, não viver na ignorância em que todos até ali tinham vivido.

Assim determinado, apesar dos conselhos dos mais temerosos, das lágrimas dos familiares e tristezas dos amigos, o peixinho vermelho partiu à descoberta da realidade sonhada, em busca de outros horizontes.

Dizendo adeus à comunidade que veio acompanhá-lo até à saída do lago, onde nasce o regato que lhe serviu de estrada, desapareceu na primeira curva que este desenha para sul. E aí foi ele, nadando sempre entre as floridas margens do estreito riacho que, mais abaixo, recebe pela direita, em confluência em cascata, um pequeno afluente que vem tornar mais caudalosa a sua corrente, que se apressa para, por sua vez, algumas centenas de metros adiante, se juntar a um ribeiro — este, sim, já com um largo leito, sobre o qual corre uma torrente bastante volumosa.

Alegremente, seguindo o seu percurso, umas vezes deixando-se ir na corrente que às vezes acelera perigosamente nos rápidos ou nas quedas de água, outras nadando serenamente junto às margens, por baixo da vegetação exuberante que o saúda, debruçando-se sobre as águas.

A viagem decorre magnificamente, sem qualquer dificuldade; a felicidade enche o seu coração; não há perigos a vencer. Até entrar no rio Zêzere não há nada que o detenha, coisa alguma o assusta. Porém, ao atingir esta larga torrente — funda e forte –,

as coisas complicam-se: a força das águas é agora demasiadamente forte e ele não estava habituado a tanta violência; peixes carnívoros já avistou dois ou três; já teve que evitar, por duas vezes, armadilhas colocadas no seu caminho para apanhar os incautos; já foi forçado a fugir a um tronco de árvore que era velozmente arrastado pela corrente.

Não navegava propriamente num mar de rosas, mas, mesmo assim, a sua satisfação era imensa, o fascínio pela aventura, pela liberdade, o desejo de conhecer mais e mais excitavam-no, impulsionavam-no a ir sempre mais além.

Não havia força nenhuma que o conseguisse deter. Feliz e contente passou ao largo de povoações ribeirinhas. Ferreira do Zêzere fica já para trás.

Agora desloca-se em plena Barragem do Castelo-do-Bode e decide-se a descansar, durante a noite, numa pequena caverna que descobriu nas margens de uma ilhota. Junto à Ilha do Lombo, onde as águas são abundantes em espécies vegetais próprias para a sua alimentação, toma o pequeno-almoço na companhia de uns peixinhos com quem travara amizade e quando de novo se põe a caminho — desta vez acompanhado pelos novos amigos —, o sol iluminava e aquecia toda aquela imensa massa de água, rasgada, em correrias loucas, por veículos que constituem um perigo constante, obrigando-os a estar permanentemente atentos e a evitar a proximidade das zonas cruzadas vertiginosamente por esses monstros que ameaçavam as suas vidas.

Correndo aqui, fugindo ali, mergulhando para maiores profundidades mais além, foram-se aproximando da saída da barragem. Uma vez aí chegados, o peixinho vermelho foi surpreendido desagradavelmente pelos seus amiguinhos, que se recusavam a acompanhá-lo; não queriam de modo algum abandonar o universo onde tinham nascido e crescido e lançar-se num outro inteiramente desconhecido.

Face a esta recusa dos amigos, o peixinho vermelho não teve outro remédio senão partir sozinho, porque desistir a meio da aventura não era para ele.

— Abandonar o que mais tenho desejado na vida?! — exclamou ele — nunca, jamais. Desistir não é comigo. Isso é coisa de fracos; e eu sou forte, sou corajoso quanto baste para não poder sequer admitir a desistência logo à primeira dificuldade. Portanto, mãos à obra e nada de perder mais tempo. Não querem ir? Pois bem, isso em nada altera os meus planos. Desde que saí do meu lago — e já lá vão dois dias —, tenho feito a viagem sozinho.

Reparando que estava a falar em voz alta e em tom irritado, fez uma pausa e depois dirigindo-se directamente aos companheiros de quem se ia separar, disse:

— Desejo-vos sorte e que ela não me falte. Adeus meninos medrosos, meninos da mamã. Nunca pensei que vocês pudessem ser tão medricas.

— Eh pá, não vale a pena partires assim zangado — replicou o peixe mais velho do grupo desistente —, visto que nenhum de

nós te merece esse azedume. Continuamos a ser teus amigos, desejamos-te todo o sucesso, todo o bem do mundo e, do coração, esperamos que regresse radiante, encantado com os resultados do teu empreendimento. Cá ficamos à tua espera.

Então, feitas as pazes com os que ficavam, o vermelhinho fez-se de novo ao caminho e aí foi ele rio abaixo, rumo ao Tejo, que já não estava longe.

Agora, acalmados os nervos, ia contente por sentir que tinha vontade própria, não desistia dos seus intentos só porque os outros não estavam de acordo com ele. O vermelhinho, embora com alguma pena por não poder contar com a companhia dos seus recentes amigos, viajou alegremente, meditando na sua força de vontade:

— Eu sou um peixe de convicções e quando estou convencido de que tenho razão, não é qualquer um que me desvia dos meus propósitos; quem o queira conseguir tem que ter argumentos, tem que me provar que não é razoável a minha persistência.

Analisando assim a sua personalidade, avaliando a sua capacidade para tomar decisões longamente meditadas, prosseguiu despreocupadamente a sua viagem, sem pensar nos perigos que porventura o espreitavam. O percurso onde agora se desloca é na verdade bastante perigoso. A corrente é extremamente violenta, a força das águas é demasiado forte para a sua estrutura física.

Além do facto de com aquela excessiva velocidade ele correr o risco de chocar violentamente contra um qualquer obstáculo

que repentinamente surja na sua frente, há armadilhas a cada passo, como redes lançadas às águas para pescar os incautos como ele; há predadores — prontos a devorá-lo num ápice —, que podem vir das terras marginais, do ar ou existir como ele no mundo aquático.

Ainda algumas barbatanadas atrás, não foi apanhado pelas malhas de uma rede só por um feliz acaso. Por diversas vezes não foi papado por vorazes habitantes fluviais, apenas porque estes ou o não viram ou estavam de papo cheio.

Constância é já ali. O Zêzere prepara-se para juntar as suas águas às do Tejo — um rio a valer, que desde a sua nascente, na serra de Albarracín, percorreu já mais de mil quilómetros, deslizando através do planalto de Castela e atravessando a metade Leste de Portugal, em percurso bastante acidentado.

Chegado ao grande rio, o seu fascínio aumenta. Tanta água em rápido movimento! Que lindas margens, com lezírias e várzeas verdejantes! Passa por baixo de pontes, nada veloz em águas inundadas de luz ou mais escurecidas, porque as sombras das árvores nelas se projectam. Contorna aqui uma embarcação que navegava na sua direcção, mergulha a fundo, ali, para escapar a uma ave de rapina que do céu descia como uma seta sobre a sua cabeça, além foge a uma lontra esfomeada, abrigando-se debaixo de uma pedra, numa caverna, de entrada de tal modo pequena que nem o seu perseguidor lá consegue entrar. Depois, é capturado por um peixe carnívoro, muito maior do que ele, que lhe diz:

— Que andas tu por aqui a fazer, meu lingrinhas? Não vês que estas regiões são extremamente perigosas para um peixito como tu? Volta para trás. Vai para o sítio de onde vens. Aí para baixo há muitos pescadores que te vão tentar apanhar com armadilhas diversas, há muitos carnívoros como eu que, se não estiverem de barriguinha cheia como eu agora estou, não te perdoam o seres atrevido assim e vão-te chamar um bom petisco. Comigo estás com sorte. Ainda mesmo agora acabei de me banquetear com uma presa três vezes maior que tu. Bom! Por esta safaste-te. Vai em paz e tem cuidado com os maus encontros.

Ainda terrivelmente assustado, o vermelhinho, assim que se viu livre das dentuças daquele monstro, nadou velozmente para o meio do rio, porque aí podia detectar mais facilmente a aproximação de perigos, já que a visibilidade nessa zona era melhor.

Cansado, chegou finalmente ao Castelo de Almourol, onde, depois de se ter alimentado de frescas e tenrinhas algas que lá abundavam, se decidiu a pernoitar, escolhendo para isso uma toca segura, com abertura estreita para que nela os vorazes inimigos não pudessem entrar.

Manhã cedo ainda, mal o sol se adivinhava lá para Oriente, lá para as terras de onde vinha o grande rio que, engrossando a sua corrente com as águas dos afluentes de ambas as margens, lhe iria permitir ver o mar, se tudo lhe corresse bem, pelo menos como até aqui, o peixinho tomou um pequeno-almoço reforçado e, alegremente, fez-se de novo ao caminho. Vencendo os perigos com que a cada momento se confronta, passa a

Chamusca e aproxima-se agora de Santarém. Os perigos, até agora, com mais susto ou menos susto, foram sendo ultrapassados um após outro. Parecia que não havia forças que o detivessem. Mas havia! Deles se aproxima ele cada vez mais. As águas são cada vez mais poluídas, cada vez mais lhe dificultam a respiração. Debilitado, doente mesmo, após alguns dias de penosa viagem, mas teimando sempre em prosseguir caminho rumo ao mar, passa Vila Franca de Xira e chega próximo de Alhandra.

Nadando agora em águas extremamente poluídas e excessivamente salgadas, começa a tomar consciência de que não lhe é possível ir mais além. Mal pode já respirar e em certas zonas sente que vai morrer asfixiado. Não tem já dúvidas. É urgente voltar à água doce e despoluída. Há que fugir, quanto antes, a este inferno, à morte que ronda por perto.

Assim, e enquanto ainda lhe restam algumas forças, inverte a trajectória e inicia a viagem de regresso. Tenta nadar o mais que pode pelas águas menos sujas e fá-lo tão veloz quanto as forças lho permitem. O cansaço é grande, a fome é feroz, debilita-lhe as forças físicas — mas não ainda as psíquicas. Sente já o ratito no estômago e alimento próprio para os da sua espécie não vislumbra em parte alguma. A Natureza parece determinada a não lhe perdoar a teimosia, a ousadia de pretender alcançar o que lhe está vedado; porém, o Senhor Criador do Universo nunca abandona as suas criaturas e está sempre pronto a perdoar-lhes as faltas e a premiar-lhes as boas acções — as que são realizadas em concordância com os planos da criação, as que respeitam as leis da mãe Natureza, que contribuem para que Ela se mantenha limpa, pura, saudável.

Em tempo útil reconheceu que o seu propósito de alargar conhecimentos, saber mais e mais, fugir à estagnação, à vida sem horizontes, embora seja louvável, tem limites, e por esse reconhecimento a tempo foi salvo da morte certa e premiado com ricos manjares e límpida água doce, ao penetrar alguns metros num pequeno afluente onde passou alguns dias, como em estância de férias, alimentando-se de produtos de qualidade e abundantes, respirando oxigénio puro, repousando tranquilamente naquele lugar paradisíaco, em suma, recuperando forças, fortalecendo-se para poder vencer o longo percurso — agora contra a forte corrente que frequentemente se fazia sentir.

Recuperadas as energias, restabelecida a saúde física e psíquica, retoma a via líquida, desta vez para montante, que se vai apresentando com melhores condições para nela se viver, à medida que se afasta da foz. Volta a passar pelos lugares anteriormente visitados, que lhe parecem diferentes em muitos aspectos, o que é natural, uma vez que — indo agora em sentido contrário —, via tudo noutra perspectiva e também porque sempre se descobrem pormenores, novas facetas, outros elementos em tudo o que se observa pela segunda vez.

Está já longe Vila Franca, Santarém fica para trás e a Chamusca está quase a ser ultrapassada. A manter-se este ritmo, não tardará a chegar a Constância e, portanto, a abandonar o grande rio Tejo para, seguidamente, enfrentar a corrente do Zêzere. O regresso, apesar de nadar agora contra a corrente, de ter que vencer a força das águas, é mais fácil e menos perigosa, porque com a experiência adquirida ele contorna habilmente as

armadilhas, oculta-se ao olho atento do predador, seja ele peixe ou mamífero, réptil ou ave.

Entrando na barragem, que mais uma vez admira, procura os amiguinhos que ali deixara. Mais nadadela menos nadadela e eis que avista um deles que, ao reconhecer o vermelhinho que está de volta à pátria serrana, logo corre para ele em grande alarido, facto que atrai a criançada piscícola — e também os adultos — que rapidamente o rodeiam para lhe dar as boas-vindas. É grande o contentamento de todos por vê-lo de novo, belo e saudável e — pelo que lhes narrava — experiente, rico de conhecimentos, o que demonstrava que não fora em vão que levava a cabo o seu empreendimento.

Embora se apossassem já dele as saudades pela família e pelos amigos que deixara no lago natal, lá no alto da serra, entre penhascos e vegetação agreste, como silvas, tojos, urzes ou zimbros, fica uns dias, deliciando-se naquele ambiente fabuloso, entre os calorosos e alegres peixes que lhe propiciaram uma hospitalidade inexcelável, tanto na sua passagem rumo ao mar, como agora que regressava a casa. A existência assim vivida em festas e folguedos é-lhe deveras agradável; todavia, não tão embriagante que o faça esquecer-se que o tempo foge e não se lembrar dos que por ele esperam ansiosamente, martirizando-se por não saberem o que terá sido feito dele: se estará de saúde, se terá fome ou outros sofrimentos quaisquer, se voltará ou se, lá em águas distantes, terá já morrido?!

Com estes pensamentos a martelarem cada vez mais na sua cabecinha fosfórica, o peixinho vermelho, tendo já passado quatro ou cinco dias na barragem, acorda uma manhã, bem

cedinho, determinado a prosseguir a viagem de retorno à pátria lacustre, lá no alto, nos Montes Hermínios.

Nessa medida, despede-se de todos, logo a seguir ao pequeno-almoço, prometendo voltar na próxima Primavera, mas dessa vez, na companhia de outros compatriotas que, ao terem notícias, por seu intermédio, de outras paisagens aquáticas, não sossegarão enquanto as não virem com os seus próprios olhos. Os amigos, de quem agora se separa, acompanham-no até ele abandonar as águas do Zêzere. Então, num último adeus, enquanto os acompanhantes voltam para trás, Zêzere abaixo, ele sobe a corrente do afluente, e ribeiro, e regato até que desemboca, passada a última curva, no lago que o viu nascer, crescer e partir para aquela aventura sem finalidade e sem sucesso, como diziam os mais velhos. Mas enganaram-se os que assim pensaram, porque, como todos poderiam constatar, ele ali estava, são e salvo, de espírito mais enriquecido, conhecendo outras vivências, outras paisagens.

Ao vê-lo chegar, radiante de alegria, escusado será dizer, todos o rodearam manifestando o seu júbilo por o terem outra vez entre eles, e cheios de curiosidade por saber tudo, até ao pormenor, o que lhe sucedera.

Foram dias de alegria, de loucura, os que se seguiram. A comunidade piscícola festejava o retorno do filho pródigo à casa paterna. Dançava-se por todo o lado; os mais novos pulavam e saltavam; mergulhavam até ao mais profundo do lago, fingindo que se escapavam às garras de uma águia que se lançava lá do alto. A algazarra era grande, a excitação era contagiante. O

vermelhinho era considerado como herói, já que fora ele quem descobrira o caminho fluvial para o Ocidente.

No lago, era agora entendido o quanto era louvável a atitude de se viver plenamente a vida, de se desvendar cautelosamente o desconhecido, tendo em mira a aquisição de novos saberes, de se seguir o sonho — mas com os olhos bem abertos. Doravante, naquele lago serrano, o curso da História estava definitivamente alterado: o conformismo fora arredado da existência da comunidade, o querer, a vontade de progredir instalara-se determinantemente nas mentes fosfóricas de todos.

Laureado com o primeiro prémio dos jogos florais da delegação de Lisboa da ACAPO:

Naquela manhã, Henrique Trigueiros mostrava-se particularmente bem disposto. Sentado no jardim, junto ao lago, esfregava as mãos, de contente, enquanto observava os seus três rapazes que, com entusiasmo, jogavam a bola no relvado em frente. Ele aplaudia, frenético, as proezas dos jogadores, expandindo toda a sua alegria por ver assim felizes os filhos fortes e saudáveis, que gritavam, saltavam, davam chutes e cabeçadas na bola, dando-se ares de grandes atletas.

Nessa manhã, tudo parecia conjugar-se para bem dispor a família, que viera o fim-de-semana àquela aldeia do interior para se refazer das canseiras do dia-a-dia da grande cidade.

O céu estava límpido, de um azul profundo impressionante; a brisa, que soprava da banda do rio, mal agitava a folhagem da verdejante vegetação, que se espraiava por magníficas hortas e várzeas, pela campina que circundava o outeiro em que estava situada a moradia, onde se haviam instalado.

Rita, a filha mais velha do casal, estava, com a mãe e a sua irmãzinha, a apanhar sol, deitada na rede que fora armada no eirado, donde se podia desfrutar aquele maravilhoso cenário que os envolvia. Ela folheava um jornal da região, que estava esquecido no cesto das

revistas, desde Fevereiro último, e rindo, relê, em voz alta, a notícia que tanto a divertiu.

Escrevia o articulista:

"Embora pareça anedota inventada o que vai contar-se, não o é. Passou-se, por sinal, algures, aqui no interior e há relativamente pouco tempo.

Um grupo de rapazes dirigia-se apressadamente para a escola, quando, de repente, saltando de um terreno situado ao lado do caminho, um homem, ainda novo, mas de grande corpulência e mau aspecto, as tenta impedir de prosseguir o seu caminho.

Quando isto aconteceu, ia a comandar o grupo um jovem que não teria ainda doze anos.

Depois da surpresa inicial, este, que sempre fora habituado a defender-se, logo reagiu e, num golpe, disparou-lhe nos olhos, com a sua bisnaga de carnaval, forte enxurrada de água. O homem, porque não esperava que isto pudesse suceder-lhe, ficou desnordeado e instintivamente, como se se quisesse proteger, desviou-se para a valeta da estrada, sacando do bolso um lenço com que tentava limpar os olhos e o rosto, que escorriam, e assim permitiu aos rapazes desfilar em grande correria para a escola.

De facto, esta cena picaresca foi para aquele perturbador da ordem pública uma humilhação que nunca, nada nem ninguém lhe havia conseguido infligir.

Em grande galhofa rapidamente dali se afastaram, gritando-lhe os insultos que aquele feio latagão merecia e, ao chegarem à escola, esfalfados, mas eufóricos, contaram à professora o sucedido, e esta, bem contente por os seus alunos se terem assim desembaraçado do malfeitor que já há três ou quatro semanas andava por ali, em volta da aldeia, a assustar os miúdos.”

Alegremente, Rita continuou a ler, à falta de melhor, o divertido jornaleco. A mãe deliciava-se com os raios de sol que lhe beijavam suavemente a pele, e contemplava a paisagem, de sonho, que dormia a seus pés. A manita, saltitando que nem cabrito farto de leite, não parava, dava gritinhos de contentamento, ia apanhar rubras papoilas e outras flores que a chamavam, corria atrás das lindas borboletas que enxameavam a atmosfera, perfumada por tantas essências campestres.

Parecia, neste dia, que nada haveria que provocasse qualquer beliscadura na felicidade daquela família. Contudo, ouve-se tocar o telefone e, pressentindo algo de desagradável, a Rita, saltando da rede, de pronto corre a atender.

— Estou!

Do outro lado, ouve-se a voz do tio Firmino, que diz que a avó fora hospitalizada, em virtude de ter quebrado um braço, quando vinha do mercado.

Então, todas as aspirações de bem gozar aquele fim-de-semana alongado se desmoronaram, e a família, à pressa, fez as malas, regressando a casa. Enquanto o diabo esfrega um olho, cada um arrumou no jeep os seus pertences e, trancadas as portas da moradia, fizeram-se ao caminho, sem demora. Tristes — principalmente os mais novos —, disseram adeus àquele recanto de paraíso terrestre, deixado ali, por esquecimento de Deus, e que a loucura dos homens ainda não destruíra por completo.

Rodando sempre a velocidade razoavelmente acelerada, mas conduzindo com toda a segurança, para não pôr em perigo as sete vidas em viagem, deixaram para trás a Beira-Baixa, atravessam o Ribatejo e, em breve, chegaram a Lisboa.

Entram em casa, ainda o sol vai alto, e ficam pasmados, ao encontrar sentados na sala de estar, vendo televisão, o tio Firmino e a avó.

— Afinal, o que quer dizer tudo isto? Interrompemos bruscamente o nosso rico fim-de-semana e lançámo-nos numa correria louca, porque tu, meu estúpido, nos afligiste desnecessariamente, ao telefonares para nos comunicar que a mãe estava hospitalizada — desabafou, furiosa a mulher de Henrique Trigueiros.

Com esta entrada tempestuosa, gerou-se o caos total, com todos a gritar ao mesmo tempo, sem dar ouvidos a nada nem a ninguém.

Ouvindo um tal banzé, o cão (um Husky Siberiano) corre da cozinha e, aos saltos, cheio de saudades de todos — mas principalmente das crianças —, lambe uns, mordisca outros, empina-se a Henrique para lhe lambe a cara.

Surpreendidos pela entrada em cena de tal mensageiro da paz, o ambiente caótico é substituído por uma atmosfera risonha, um clima propício ao apaziguamento. Então, graças ao cão amigo, tudo se pode agora explicar: a confusão surgira, porque a vizinha Gilda, que costuma confundir tudo, viera dar essa falsa notícia. Ora, como apurara o tio Firmino, ao ir ao encontro da sua mãe, o acidente fora com a D. Emília, a moradora do apartamento contíguo.

O tio Firmino, quando soubera a verdade, telefonara para eles, mas já era tarde. Eles tinham já partido, rumo à casa materna.

.....

DESÍGNIOS DO ESPÍRITO

Irina Raquel e o seu irmão Márcio encontram-se no recreio a brincar com os seus colegas de escola. Márcio, um menino inclinado à contemplação, debruça-se, fascinado, sobre o lago de águas cristalinas, onde se projectam as sombras oscilantes das árvores que o circundam, bem como a sua própria imagem, que parece reflectir-se num enorme espelho de puro cristal, e exclama:

— Olhem! Já viram bem como são lindas as sombras a mexerem-se nas águas deste lago? Venham ver-se ao espelho!...

— Eh pá, — grita-lhe logo o Bernardo —, não te importes com essas palermices. Não sejas parvo; anda mas é daí brincar com a malta, antes que chegue ao fim a hora do recreio.

Ouvindo esta conversa, Irina vem em socorro do irmão e asperamente repreende o colega:

— Olha lá, oh meu estúpido, tu ainda não conseguiste aprender que no recreio cada um passa o tempo a fazer o que mais lhe agrada? Até parece impossível! Se gostas, corre, salta, grita, berra quanto te der na real gana, mas deixa em paz os

que gostam mais de contemplar a Natureza, ou de fazer outra coisa qualquer que lhes dê prazer.

Apanhado de surpresa, Bernardo, que não tinha visto a Irina ali por perto, ficou um pouco assustado, mas, aparentando o contrário, logo replicou:

— Está bem, Irina, não te irrites. Eu só queria que ele viesse brincar... mas por sua vontade. Não o queria obrigar. Ele que faça o que quiser, eu cá por mim vou-me a um joguito de futebol com a minha malta, que já está à minha espera. Ciao!...

Livres deste traquinas, os manos, depois de se mirarem nas águas uma vez mais, desceram pela alameda que dava acesso à piscina, junto à qual um grupo de rapazes escutava com toda a atenção as histórias que o Manuel e o Paulo, como de costume, contavam.

A meio desta alameda, Irina separou-se do irmão e foi juntar-se ao grupo habitual de amigas, enquanto este prosseguiu o caminho para a piscina.

Paulo, ao vê-lo aproximar-se, retardou o início da história que se preparava para contar e só quando teve a certeza de que ele já podia ouvir as suas palavras, começou:

«Conta-se que um certo dia, em pleno Inverno de rigorosos nevões, fortes chuvadas e frio intenso, os lobos, vindos das serranias vizinhas, atacavam, esfomeados, os rebanhos dos aldeões.

A situação era difícil. Não havia meios para conter um tão grande número de feras que, segundo se dizia, aumentara consideravelmente nos últimos anos, por efeito da política de protecção às espécies em vias de extinção.

O momento era grave quanto bastasse para se poder perder tempo com discussões de matéria, que ao caso não trazia qualquer solução.

Assim, o velho David, homem astuto e prático, detinha-se numa ideia fixa, assumindo uma diferença de comportamento que nada tinha a ver com a dos que procuram sempre atribuir culpas a alguém, pelo sucedido, em vez de atacar os males de frente.

De facto, o velho David defendia normalmente um ponto de vista diverso dos que eram partilhados pelos outros habitantes da aldeia. Ele tentava sempre encontrar uma saída que, não só solucionasse o problema presente, mas também, se possível, trouxesse proveitos acrescentados.

Desta vez a situação era, com efeito, bem difícil; todavia, o velho David, depois de uma meditação a seu jeito, reuniu os homens, em quem mais confiança tinha, para expor o seu plano:

Na Barroca das Cabras, ponto por onde o grosso dos lobos descia das montanhas, iam construir rapidamente uma barragem, fechando a saída que dava para o lado da aldeia. Os serros que ladeavam a barroca seriam alteados com muralhas de arame farpado e na entrada dessa armadilha, do lado da serra, colocar-se-ia uma porta em forma de guilhotina, que

desceria, depois de os lobos terem passado em correria, atraídos pelo zurrar do seu burro, que estava doente de morte certa e que, por isso, poderia ser sacrificado.

Aprovado este plano pelos aldeões, logo todos se lançaram, com tal vigor e determinação, ao trabalho que, no fim desse mesmo dia, a extensa jaula estava já pronta para receber os esfomeados hóspedes.

Ainda o sol não tinha escapado lá para trás das serras que se erguem a Ocidente, e já o pobre jumento zurrava dentro da armadilha, cheio de fome e frio e minado pelas horríveis dores provocadas pela doença que o consumia.

A noite caía rapidamente; o frio intensificava-se, começando mesmo a cair uns leves flocos de neve, e por isso o asno cada vez zurrava mais e mais. Assim, não tardou que os homens da torre de vigia, que era um pinheiro que estendia uma grossa pernada sobre a entrada da Barroca das Cabras, comessem a ver brilhar na escuridão os olhos das feras esfomeadas que, uivando, para chamar os outros membros da alcateia, se apressavam para o fosso donde não saíam vivos.

Do alto do esconderijo, os homens verificam que o número dos lobos já dentro do cerco é grande e que fora do mesmo não se avista mais nenhum. Então, desatam as grossas cordas que seguram a forte cancela, e esta embate estrondosamente no solo, cortando às feras a única hipótese de fuga, até aí existente.

Ouvindo este embate, que fez tremer o chão, os lobos assustam-se e tentam salvar o pêlo: correm para o lugar por onde entraram, mas a porta de saída está fechada; atiram-se contra as barreiras laterais de arame farpado, e só conseguem rasgar as carnes nas aguçadas farpas; lançam-se em vertiginosa correria em direcção à aldeia, mas aí a sorte é ainda mais madrasta, pois não só continuam a ferir--se mais e mais no arame farpado, como também são fuzilados pelos tiros certos dos aldeões, que, à luz das fogueiras que entretanto foram acendendo em redor, os vão alvejando com toda a facilidade.

Terminada a grande caçada, que valeu mais que qualquer montaria gigantesca, os habitantes recolheram às suas casas para repousar um pouco, porque manhã bem cedo, para terminar a execução do plano, outros trabalhos os esperavam.

Passadas quatro ou cinco horas de merecido repouso, os aldeões, tendo já tomado o pequeno-almoço, dirigem-se ao cercado onde, felizmente, a neve cobria as carnes rasgadas e o sangue espalhado por todo o lado, evitando assim a decomposição dos cadáveres que estavam, por assim dizer, em câmara frigorífica.

Ao alvorecer, removida a neve que se ia derretendo, os lobos começaram a ser despojados das suas vestes peludas. Os homens extraíam-lhes as peles, as mulheres e os jovens limpavam-nas e transportavam-nas para um grande barracão, onde eram postas a secar, para, posteriormente, serem utilizadas na indústria de curtumes. Quanto aos outros restos mortais das feras, estes eram metidos em grandes sacos de

plástico, para depois irem alimentar outras feras no Jardim Zoológico.

Com esta operação, ficou, por um lado, a aldeia liberta dos ladrões assassinos, que dizimavam constantemente os rebanhos, por outro, lucraram os aldeões com a venda da matéria-prima resultante da caçada e, finalmente, o Jardim Zoológico recebeu, como oferta, quatro belos jovens lobos, que fora possível salvar com vida e sem grandes ferimentos.»

Quando o grupo de rapazes se preparava para dar início a uma outra história, toca a sineta a chamá-los para as aulas. Então, parte do grupo encaminha-se para o pavilhão 3, onde vai ter uma aula de Português, e os restantes dirigem-se para o laboratório, porque aí vão ter uma aula de Química. Bernardo e os seus amigos futeboleiros também abandonam o relvado, indo para as respectivas aulas. Os espaços exteriores, destinados a recreio, em breve ficam praticamente vazios.

E, nesse preciso momento, também a Irina e as amigas, às quais se reunira, ao separar-se do irmão, acabavam de ler um capítulo do livro cuja leitura haviam iniciado na semana anterior. Hoje fora a vez da Sofia proceder à leitura, em voz alta. E ela fê-lo com sensibilidade e expressividade tais, que gerou nas ouvintes um místico estado de alma, cheio de emoção e profunda consternação.

A Tina estava de tal modo impressionada, que nem deu pelo toque da sineta e, pegando no livro, leu uma vez mais, com os seus próprios olhos, aquele texto comovente:

«Em tempos passados, existiu na Palestina um rico mercador, de nome Mohamed Putifar, que fora educado segundo os princípios religiosos do Islão, mas que, quando contactou com a Civilização Cristã da Europa, se deixou conquistar pelos seus valores morais, convertendo-se ao Cristianismo. Para ele este novo Credo Religioso foi um como que redescobrir o paraíso terrestre há muito perdido pelo

Homem e, submergido pelo ardor da Fé Cristã, não pensava sequer nas dificuldades que iria encontrar, quando voltasse à sua terra natal.

De facto foi-lhe bastante penosa a vida, enquanto a família e os amigos, submetidos ao fanatismo Islamita, à intolerância religiosa, não conseguiam entender o fenómeno que nele se operara. Os próprios pais excluía-m-no do seu convívio, não admitiam que ele — o renegado — entrasse na casa onde havia nascido e crescido; não consentiam que os procurasse ou, mesmo até, que com eles ou com outro qualquer membro da família se cruzasse na rua; afastavam-se dos mais tolerantes que, porventura, pudessem falar de algo que a ele dissesse respeito; falar dele era completamente intolerável; recusavam enfrentar fosse o que fosse que, de algum modo, lhes sugerisse que ele alguma vez tivesse existido.

Aquele desprezo familiar era doloroso, mas a Fé, que lhe dava a esperança de, no futuro, a Humanidade poder viver em paz e harmonia, em espírito de tolerância e fraternidade, impulsionava-o a assumir uma atitude de caridade, de perdão para com os que, por ignorância ou por cegueira espiritual, assim o tratavam impiedosamente com tanta injustiça e desamor. Com a enorme serenidade e paciência, a inexcedível autenticidade que as convicções cristãs nele determinavam, com a vida de indesmentível verdade, de amor — mesmo para com os que o hostilizavam e até odiavam — ele vai, pouco a pouco, tornando a atmosfera social mais respirável, anula indiferenças; alivia tensões; dissipa intolerâncias; neutraliza perseguições; aniquila ódios; vence, sem ferro e sem fogo, a batalha do perdão contra a vingança, do amor contra o ódio;

conquista os corações, primeiro dos mais humildes, depois dos poderosos. Com o tempo, os que o haviam condenado vieram, não só a tolerá-lo, como também alguns deles, a converterem-se ao Credo que no fundo era muito semelhante ao da religião dos seus antepassados.

Conciliado com amigos e reconquistado o amor dos pais, das suas duas esposas e dos três filhos — que são todos filhos da mais velha —, a vida floresce de novo e permite-lhe, sem magoar ninguém, adequar o seu viver (os laços familiares) ao seu novo Credo religioso. Essa adequação às exigências do Cristianismo foram-se realizando progressiva e calmamente sem grandes dificuldades. Só o facto de ser casado com duas mulheres em simultâneo — como é ainda hoje permitido e favorecido pelo Islamismo —, levantou barreiras difíceis de transpor, uma vez que o Cristianismo condena a poligamia, impõe aos seus seguidores fidelidade absoluta na unidade matrimonial a dois. Todavia, o seu bom senso e elevada moral, permitiram-lhe solucionar a questão: impõe o Credo Cristão, agora por ele abraçado convictamente, que não lhe é permitido continuar a coabitar matrimonialmente com ambas as esposas, mas também lhe exige o respeito, a tolerância, a solidariedade para com todos os Homens, obrigando a que cada um “ame o seu próximo como a si mesmo”. Assim, dita a razão e ordena o coração que é desumano abandonar um ser humano, seja ele qual for, e é-o ainda muito mais, quando dele sempre se recebeu ternura, amor.

O dilema avassala-lhe a alma, mas não o reduz à condição de vencido. Ele tem esperança de que o barco chegará a bom porto. Os seus filhos são felizmente todos da mesma mãe — da

Samira — e Asmahan, a outra esposa, é ainda bastante jovem e bonita, e por isso não lhe faltarão pretendentes, ao conhecerem a situação e o dote que ele, com amor fraterno, colocará à sua disposição.

«A esperança é a última coisa a morrer», diz-se e é verdade. No caso presente confirma-se o dito popular mais depressa do que o esperado, pois um primo de Putifar — de nome Hassam —, felizmente ainda solteiro e convertido recentemente também ao Cristianismo, decide tomar Asmahan por esposa, mas rejeitando o dote posto à sua disposição.

Solucionados os conflitos, acalmados os ânimos, harmonizados os muçulmanos com a nascente e crescente comunidade cristã, Mohamed parte para Chipre, e daí para Atenas, em viagem de negócios. Desde Haifa até ao porto de Tiro, o percurso é feito por terra e decorre em segurança, em que até o tempo colabora.

Faz por terra o percurso de Haifa a Tiro, tendo este decorrido nas condições ideais: temperatura amena, céu azul, sem o mínimo vestígio de nuvens, com uma suave brisa soprando do mar, sem que larápios os tivessem tentado assaltar ou autoridades territoriais os intersectassem para lhes cobrar impostos ou até impedi-los de continuar a viagem.

Chegados ao perímetro portuário, vai imediatamente tratar de cumprir as exigências legais para poder embarcar, nomeadamente comprar a passagem para Atenas, com escala em Famagusta — cidade cipriota —, onde tem negócios a tratar com um comerciante local.

Com os aspectos legais em ordem, passa à fase seguinte, ou seja, contrata os necessários carregadores para transportar os seus haveres para a embarcação e aí acomodá-las convenientemente.

Finalmente, depois de ter mandado regressar a casa os seus servos e um seu cunhado, que deles toma conta, entra no barco com o seu servo favorito, que sempre o acompanha, para verificar o espaço que ambos vão ocupar e aí descansar um pouco.

Com o mar calmo, notando-se apenas uma fraca ondulação levantada pela brisa suave que soprava de Nordeste, a embarcação sai do porto e toma logo a direcção do Ocidente.

Sempre com bom tempo, a viagem, até à ilha de Chipre, corre sem incidentes.

Também em Famagusta, Mohamed tem a seu favor os bons ventos do sucesso. O seu colaborador cipriota, com quem mantém relações comerciais já há longos anos, excedeu-se no modo como preparou aquela operação de negócios. De facto, poder-se-ia dizer que desta vez as coisas foram excepcionais; tudo fora coroado de êxito.

Terminada a operação Famagusta, Mohamed e o seu servo embarcaram de novo. O barco agora seguiu a linha da costa do Sul da Anatólia, bordeja uma ou outra ilha, passa ao largo de cabos e baías encantadoras, junto à ilha de Rodes, e aproximam-se agora da grande ilha de Creta — a porteira do

Mar Egeu. Já dentro deste mar, as condições atmosféricas alteram-se substancialmente: o ar calmo cede lugar aos ventos ciclónicos que parecem querer arrasar o mundo; o claro céu azul torna-se negro de breu e em breve começa a ser iluminado por incontáveis relâmpagos que o cruzam, como loucos, em todas as direcções; os trovões ribombam por todo o lado, semelhantes ao mais colossal e medonho bombardeamento; em curto espaço de tempo, o mar, de uma mansidão inigualável, enfurece-se, ruge medonhamente por toda a parte, ergue-se em alterosas vagas que loucamente se lançam em desenfreada correria. A pequena e frágil embarcação mais parece uma casca de noz levada agora na crista da onda, para logo descer aos profundos abismos cavados nas águas revoltas; num segundo é atirada, como uma flecha, contra a ameaçadora abóbada celeste, e, em igual instante, é engolida por uma gigantesca cratera que a vaga escavou num ápice.

Tripulantes e passageiros, apavorados, suplicam a Deus — os muçulmanos a Alá, os Judeus a Jeová, os Cristãos a Deus Pai e a Seu filho Jesus Cristo — que tenha piedade e lhes salve as vidas. A angústia, a dor, o pânico, são indescritíveis.

Todos no maior desespero vivido em todas as suas vidas. Só Mohamed está calmo. No seu rosto, sereno e dando sinais de uma divina alegria, lia-se a confiança, a fé, a esperança, a certeza de que tudo aquilo iria passar em breve; era Deus, o Senhor do Universo, que os punha à prova, lhes experimentava a confiança no Pai que lhes dera o ser e tudo o que eram e tinham.

Cheio dessa fé, de pé na proa da pequena embarcação, que dançava como casca de noz na crista das vagas medonhas, brada à tempestade: “Acalmem-se ondas do mar tenebroso, apaziguai-vos ventos raivosos, serenai céus, dissipem-se as nuvens e cesse o ribombar dos trovões. O Deus que vos criou é nosso pai também; somos, pois, irmãos. Em nome do nosso pai vos peço que nos deixeis continuar a viver convosco.”

Ditas estas palavras imperativamente — com convicção, com Fé —, serena-se o céu, acalmam-se os mares e os ventos, volta o Sol a brilhar em todo o seu esplendor, a bonança vence a tormenta. Na embarcação instala-se agora a paz, a alegria de viver, um amor fraternal sem limites, uma incontida veneração por aquele homem que, com a força interior que o seu Deus lhe concede, domina a Natureza em fúria.

Serenamente, a embarcação prossegue a viagem rumo a Atenas, onde chegam sãos e salvos. Tudo foi realizado de acordo com o que Mohamed havia programado: levou a bom termo os negócios planeados, e regressou a casa, fazendo escala em Creta e Alexandria.»

Terminada que foi a leitura deste capítulo, Tina reparou que o tempo se havia esfumado sem que ela desse por isso. Era de facto já bastante tarde e por isso o professor de inglês não lhe autorizaria a entrada na aula. Portanto, só lhe restava um caminho; era pegar nos seus livros e ir para casa. E foi o que, sem hesitar, fez, antes que alguma auxiliar de educação a visse a andar por ali.

UMA PRECIOSA prenda de NATAL

A aldeia acordou cedo, muito cedo, na manhã de 24 de Dezembro em que a família Vilarinhos foi bafejada pelo sopro benigno de Deus que, finalmente, se compadecia pelo sofrimento a que a havia submetido, ao longo de oito anos.

Há precisamente este período de tempo, morrera para esta família a alegria de viver: o sorriso desaparecera dos lábios e olhos dos seus membros. Tanto os pais como a filhinha, que então tinha apenas seis anos, foram tomados de uma tristeza tal que não deixava indiferentes mesmo os mais insensíveis humanos que os observassem de perto.

E porquê tanta dor, um penar assim tão violento?

Porque o Nelinho, o filho do casal desditoso, fora raptado, na véspera do dia em que se comemorava o seu oitavo aniversário.

Nesse dia fatídico brincava ele no Largo da Igreja com um grupo de garotos de idades idênticas à sua, que assistiram a tudo: uma carrinha havia parado junto do grupo e dela saíra um homem que, agarrando o Nelinho, o fizera entrar no carro que em grande velocidade desaparecia no fundo da rua.

Dado o alarme pelos miúdos, logo se comunicou à Polícia o sucedido. As buscas foram de imediato iniciadas; passou-se a

região a pente fino, a comunicação social (nomeadamente as televisões) tentou ajudar no que lhe era possível, mas sem quaisquer resultados dignos de nota. Tudo foi infrutífero; tudo até hoje terminou, para desespero de todos, na estaca zero.

Porém, neste dia de véspera de Natal, os Céus anunciavam uma boa nova, prometiam aos espíritos sofredores que a prenda do Menino Jesus seria este ano de um valor incalculável, jamais superável.

Ontem, estando a família a jantar, à hora do telejornal, viram no ecrã um casal de nacionalidade alemã que, ostentando uma foto, desesperadamente prometia recompensa monetária a quem desse informações acerca do paradeiro daquele jovem de dezasseis anos, que desaparecera, sem deixar rasto, esta manhã, quando visitavam o jardim de «O Portugal dos Pequeninos».

Face àquela fotografia, pai, mãe e filha ficaram como que paralisados, completamente sufocados até que, respirando fundo, Diana, a filha que agora tinha catorze anos, explodiu:

— Mas ele é o meu irmão! É o mesmo da foto que está na cómoda do quarto dele! Mãe, pai, olhem aqueles olhos, a testa, a boca sorridente!

— É ele! — Exclamou a mãe. — Com toda a certeza, ele reconheceu o jardim onde tanto gostava de ir! Oh, meu Deus, isto seria bom demais para ser verdade!

Debatendo-se entre a esperança e o desespero, o pai enxuga as lágrimas e tenta esfriar aquele momento intensamente emocional.

— Minhas queridas, não se iludam. Os pais adotivos não seriam loucos ao ponto de vir-se meter na boca do lobo, voltando ao local do crime.

E assim, em clima de incertezas mas com faróis de esperança no horizonte, a assinalar o porto seguro à nau de suas vidas, perdida no mar revolto em noite negra de breu, se passou o serão. Aguardaram até altas horas uma chamada que não veio e, já cansados, foram finalmente para a cama. Porém, o sono não vinha acalmar-lhes os nervos esgotados, e Diana, adormecendo (talvez sugestionada pela queda do forte nevão que mansamente batia nas vidraças da janela do seu quarto), sonhou que a sua terra brilhava ao sol, coberta de um manto de neve que tornava a atmosfera fortemente gelada e que o Nelinho chegava, num carro, acompanhado por dois polícias que vinham averiguar se o que ele alegava era real ou apenas uma fantasia.

De manhã, ao acordar, saltou da cama e correu à janela a ver se o sonho se convertera em realidade; e o que viu deixou-a maravilhada e cheia de esperança de que o sonho se cumprisse.

O branco lençol de neve que fora tecido durante a noite pelas mágicas mãos da tecelã Natureza e que pelas mesmas — ágeis e silenciosas — havia sido estendido por sobre toda a terra visível, contrastava amável e esperançosamente com o luto pesado que os esmagava. As serras em redor, os campos, os

telhados, praças e ruas brilhavam ao sol nascente, que dardejava já aquela alvura imensa que, festiva, aguardava o nascimento do Menino Jesus. Fora de portas a atmosfera era gélida, o frio era cortante, mas esse facto aquecia o coração de Diana, que nele via a confirmação do profético sonho.

Comunicou aos pais a sua convicção, e os três ficaram ansiosamente a aguardar o decurso dos acontecimentos. Nove horas, dez, onze... e nada sucedia. Não obstante, já muito próximo do meio-dia, o telefone soa vibrantemente, mas somente uma vez — porque Diana não esperou pelo segundo toque, levantando, de súbito e extremamente nervosa, o auscultador.

Ao seu «estou» ouve a voz emocionada da sua tia que mora na Rua das Parreiras, em Coimbra:

— Diana, filha, sou a tua tia Lina, e venho dizer-vos que o Nelinho apareceu, está aqui em minha casa. Ele fugiu ao casal alemão que o adoptou, e como ainda se lembrava do meu nome e do da rua onde moro, veio à nossa procura. Ele está aqui são e salvo, e o teu tio foi já para o posto da polícia para tratar do assunto. O teu irmão quer voltar para a casa da sua família verdadeira, mas também não quer perder o amor da família que o salvou da rede criminosa onde caíra.

Ouvindo esta torrente de palavras, sem que a tia lhe deixasse uma nesguinha de espaço para poder extravasar um pouco da alegria que lhe ia na alma, a menina chorava, ria. Estava completamente descontrolada com a confirmação da esperança que a notícia do telejornal da véspera gerara no seu coração.

Não cabendo em si, de contente, mal pousou o auscultador no descanso, correu, aos gritos, a anunciar a boa nova, aos pais e a todos os vizinhos, que de suas respectivas casas e da rua, a podiam ouvir.

Foi o delírio, a loucura que os acontecimentos desta natureza sempre produzem até mesmo nos espíritos mais resistentes a estados emocionais fortes.

Foi num abrir e fechar de olhos que se meteram no carro e se fizeram à estrada — agora já bastante transitável, porque o sol da manhã derreteria a neve caída durante a noite e em menos de hora e meia entraram pela casa dentro da tia Lina, onde já se encontravam os agentes da autoridade e os pais adotivos do Nelinho.

Então, ali naquela pequena sala da casa da tia Lina, uns choravam de alegria por terem reencontrado o menino desaparecido, e outros viviam amargos momentos de suas vidas, ao sentirem que haviam perdido o mesmo menino que com tanto amor criaram e educaram. O motivo da alegria de uns era a razão da tristeza de outros.

Todavia, este sentimento de pesar vivido pelo casal alemão, foi-se atenuando à medida que tudo se clarificava: Este ficara a saber que o menino recolhido há oito anos, não era brasileiro, como haviam afirmado os raptos, ao serem ludibriados por agentes introduzidos nas redes pedófilas para salvar crianças que, posteriormente, colocavam sob a protecção de organismos de adopção; consciencializara a nova realidade, que permitia ao filho que muito amavam, a recuperação da família de sangue,

que nunca esquecera e com a qual sempre desejara reencontrar-se.

Assim, cheio de amor pela família alargada e com o coração transbordante de alegria, Nelinho regressou nessa tarde à terra que o viu nascer, à casa onde dera os primeiros passos e aprendera a dizer pai e mãe.

Essa noite de Natal foi para a família luso-germânica, vivida naquele lar modesto mas cheio de calor humano, a mais bela prenda que o Menino Jesus a todos podia proporcionar.

Na Praia — Ao Sol Poente.

Certa tarde de sol suavemente quente mesmo à hora em que o astro-rei, em toda a sua magnificência ultrapassara já a metade do percurso descendente para mergulhar, a Ocidente, para lá do horizonte, nas águas profundas do Oceano Atlântico, um senhor, de aspecto saudável, alegre e de olhar tranquilo, brincava na praia com um garoto que não teria mais que uns dez anos. A certa altura o miúdo, estendendo-se na toalha, pergunta-lhe, muito sério e com os olhos bem fixos nos seus:

— Oh! Vô, que idade tens tu?

Então, este, sorrindo e acariciando a cabecinha do menino, respondeu, formulando, por sua vez, uma outra pergunta:

— Mas porque queres agora saber a minha idade? Achas que sou velho demais para brincar assim com uma criança como tu? Pensas que na minha idade eu não deveria já estar aqui a construir castelos na areia, a fazer túneis secretos à maneira da Idade Média?

— Não, vô — retorquiu o menino. — É só para saber se és mais velho que a vizinha.

Ao ver assim o seu neto com aquele ar interrogativamente ingénuo, olhou para o mar que se espalhava mansamente em frente e que, ali aos seus pés, tranquilamente beijava o areal, e assim falou:

— Bem, deixa-me pensar um momento... Nem sei bem como hei-de começar...

Ora bem, meu querido neto! Vamos lá ver se consegues adivinhar a resposta certa. Olha!

Nasci antes da televisão, das vacinas contra a poliomielite, das comidas congeladas, da fotocopiadora, das lentes de contacto e da pílula anticoncepcional. Não existiam os aviões a jacto, os cartões de crédito, o raio laser; nem as telecomunicações por satélite. Não se ouvia falar de TGV nem de GPS.

Os comboios andavam ainda a carvão, cozinhava-se em fogões a lenha ou a petróleo; a iluminação em muitas casas era conseguida com velas, candeias de azeite, candeeiros a petróleo. As leiteiras vendiam o leite pelas ruas tal como as peixeiras, de canastra à cabeça, vendiam o peixe. O carteiro (que se chamava correio) distribuía a correspondência pelas portas — de mala às costas, andando a pé ou, na melhor das hipóteses, de bicicleta.

O comércio fazia-se nas praças ao ar livre, nas feiras, em tabernas e mercearias; a agricultura era feita com sachos, enxadas, charruas puxadas por bois. Os pescadores iam ao

mar em toscas bateiras ou, na melhor das hipóteses, em frágeis traineiras. Nas minas, na construção civil, tudo se fazia com picareta, pás, enxadas e outros utensílios de trabalho semelhantes, porque não havia maquinaria como há hoje.

O transporte dos mais diversificados produtos era realizado com o recurso a burros, mulas, carroças puxadas por animais e, na falta destes, às costas dos homens e cabeças de mulheres.

Não se havia ainda inventado o ar condicionado, as máquinas de lavar louça ou roupa, as de a secar. Esta lavava-se nos rios, ribeiros ou tanques de água; secava-se ao vento e ao sol e, porque não havia ainda ferros eléctricos, era engomada com ferros a carvão.

O homem não tinha ainda chegado à lua, nem mesmo se lançara na aventura de lá chegar a ir.

Não havia máquinas de escrever eléctricas e muito menos as portáteis. Não existiam calculadoras, computadores ou impressoras computadorizadas e muito menos Internet.

Olha, meu amor! Mas tínhamos campos verdejantes, lindos pomares por todo o lado, maravilhosos bosques, frondosas florestas, rios de águas límpidas povoados de peixes de muitas espécies, fontes de águas cristalinas e frescas, mares sem poluição, muito abundantes em peixe. O ar era puro, respirava-se com prazer. Não havia asmáticos como há hoje e o fenómeno alergia era quase desconhecido.

«Gay» era uma palavra inglesa que significava uma pessoa contente, alegre e divertida; não homossexual. Das lésbicas, nunca havíamos ouvido falar e os rapazes não usavam «piercings».

No meu tempo ninguém dizia que a virgindade causava o cancro. As relações sexuais pré-nupciais ou fora do casamento eram condenadas pela opinião pública e não banalizadas como hoje.

Até completar 25 anos, dirigia-me a qualquer homem tratando-o por "senhor" e a qualquer mulher por "senhora" ou "senhora dona". A minha geração foi ensinada a diferenciar o bem do mal, a ser responsável pelos seus actos.

Acreditávamos que "comida rápida" era o que nós comíamos quando estávamos com pressa.

Para nós, ter um bom relacionamento era dar-mo-nos bem com a família, os amigos e restantes membros da comunidade; e Tempo compartilhado significava que a família compartilhava as férias juntos.

Não se conhecia telefones sem fio e muito menos os telemóveis, e nunca havíamos ouvido falar de música estereofónica, rádio FM, cassettes, CDs, DVDs.

Aos relógios dava-se corda a cada dia que passava. Não existia nada digital, nem os relógios nem os indicadores com números luminosos dos marcadores de jogos, nem as máquinas.

Falando de máquinas, não existiam as cafeteiras automáticas, os fornos microondas nem os rádio-relógios-despertadores. Para não falar dos vídeo-cassettes, ou das máquinas de filmar, de vídeo.

As fotos não eram instantâneas nem coloridas. Havia somente a preto e branco e a sua revelação demorava mais de três dias. As cores não existiam e quando apareceram, a sua revelação era muito cara e demorada.

Se em algo lêssemos «Made in Japan», não se considerava de má qualidade e não existia «Made in Coreia», nem «Made in Taiwan», nem «Made in China».

Não se ouvia falar de «Pizza Hut» ou «McDonald's», nem de café instantâneo.

Havia casas onde se compravam coisas por 5 e 10 tostões. Os gelados, as passagens de autocarro ou eléctrico, os refrigerantes, tudo custava 5, 10 tostões.

No meu tempo, "erva" era algo que se apanhava para dar aos animais e não era para se fumar.

Fomos a última geração que acreditou que uma senhora precisava de um marido para ter um filho.

Agora diz-me quantos anos achas que tenho?

— Hiii!!!!... vôôô!!!!... Mais de 300! — Exclamou o neto!

— Não, meu querido. Tenho somente 63 anitos.

Findo este quase monólogo do avô, o neto mais velho, já com dezoito anos feitos, que entretanto viera do banho e havia escutado, em silêncio mas com muita atenção, esta prelecção, ergueu a cabeça,

colocando-a entre as mãos suportadas pelos pilares dos seus antebraços firmados na areia pelos cotovelos, fixou o seu olhar, sem pestanejar, nos olhos do avô, e adiantou um tímido e pouco convicto reparo:

— Oh vô, eu não ponho em causa tudo o que acabas de referir. De facto, as condições de vida, desde a II Grande Guerra mundial, têm sofrido grandes alterações, mudanças profundas e, muitas vezes, extremamente bruscas e até brutais. É verdade que o Homem, por amor ao progresso, aos bens materiais que julga serem indispensáveis ao seu bem-estar, ao conforto, em suma, à sua felicidade, sacrificou barbaramente a Natureza, poluindo, envenenando os oceanos, lagos e rios, a superfície da Terra e o seu interior, aniquilou a pureza do ar, tornando-o muitas vezes praticamente irrespirável, gerou na atmosfera o efeito de estufa e está continuamente a destruir a camada de ozono que protege a vida do poder destrutivo dos raios ultravioletas. Mas, avô, se considerarmos que as condições de vida na Terra sempre foram sofrendo alterações ao longo dos séculos, não podemos ter assim uma visão tão negativa daquilo a que hoje se assiste.

— Pois é, meu rapaz; agora é que tocaste na essência da questão. Disseste, «foram sofrendo alterações ao longo dos

séculos», e isso é coisa que não se verifica nos nossos dias. No passado as alterações foram-se sucedendo paulatinamente e hoje é tudo tão veloz que não há tempo para os organismos se adaptarem às novas condições. E porquê tudo isto? Porque os homens, com a ânsia do progresso desmedido, modificaram terrivelmente as condições de vida na Terra. À Deusa EVOLUÇÃO, ao Deus DINHEIRO e à Divindade PODER, sacrificaram as águas puras dos rios, lagos e oceanos; a atmosfera despoluída, sem buracos de ozono nem saturada de dióxido de carbono. Esqueceram que “da floresta somente devemos trazer as sensações que Ela em nós produziu, as memórias aí geradas, e que lá apenas devemos deixar as marcas das nossas pegadas” e, em consequência desse imperdoável esquecimento, eles dizimaram as florestas e pradarias, destruindo o habitat de inúmeras espécies de animais que se vão extinguindo da face da Terra. A voz do Índio Seattle não produziu efeito, não sensibilizou os poderosos, que continuam, loucamente, a levar-nos a todos para o abismo.

E nos oceanos, fabulosa fonte de vida em que ainda há bem poucas décadas era grande a abundância de espécies animais e vegetais que hoje não existem mais ou estão em vias de extinção, que fizeram os sábios humanos?

Canalizaram para lá toda a imundície produzida pelas progressistas sociedades urbanas e industriais, provocam constantemente desastres ecológicos com derrames de crude e outros produtos altamente tóxicos. Porventura já avaliaste as danosas consequências do que agora ocorre no Golfo do México? O gigantesco desastre ecológico provocado por aquela garganta negra, vomitando incontinentemente crude que torna

aqueles mares num foco imundo onde não é mais possível a vida.

Meu filho, ainda que os grandes senhores do progresso mundial estejam cientes dos perigos que ameaçam a vida na Terra, eles vão adiando as soluções, esquecendo-se que «Deus perdoa sempre, o Homem perdoa às vezes, mas a Natureza nunca perdoa». Se Ela é agredida, o seu agressor tem que pagar o preço dos seus actos agressivos.

— Avozinho, tu não deixas de ter razão para esse teu pessimismo, mas, repara, não podes ser assim tão radical. Tem em consideração o lado positivo da medalha. Já viste que os teus pais viveram sempre no interior, sem nunca terem visto este mar maravilhoso? Já pensaste na dureza de suas vidas comparada com os bens que hoje usufruímos?

Vá, vizinho! Relaxa, e vamos os três dar uns bons mergulhos refrescantes. Não podemos nem devemos perder pitada deste sol e mar. Vivamos com alegria cada momento do presente, porque, sabe-se lá se no futuro vamos ter as mesmas oportunidades.

SOUNHO OU REALIDADE?

Pertencia já ao passado o advento do terceiro milénio, mas os amores de Jacob e Raquel, que no seu decurso haviam começado a germinar, permaneciam incólumes, em efervescência crescente. Trabalhando ambos na mesma empresa, em secções próximas, tanto topograficamente como em perfil funcional, não escasseavam oportunidades propícias a encontros amorosos que prolongavam e fortaleciam os laços que, cada vez mais, os enleavam

Quantas vezes Raquel à sombra do exercício das suas funções, que se cruzavam com as de Jacob, se introduzia no gabinete deste, permanecendo lá por tempo mais que suficiente para refrigério do fogo que lhes avassalava a mente e lhes queimava o corpo ávido de ternura, de amor em plenitude; quantas vezes, a pretexto de serviços externos, eles se eximiam ao exercício das funções que lhes estavam confiadas e, sonhadores, iam em busca de um recanto edénico onde o usufruto da sua condição de enamorados os pudesse saciar em plenitude.

Foi assim naquele princípio de tarde, de temperatura excepcionalmente amena, para a época do ano, regida pela constelação zodiacal do Aquário, com uma abóbada celeste límpida e serena, soprando apenas uma acariciante brisa marítima sustentada pelo brando respirar de Zéfiro, que os dois cultores de sonhos deixaram para trás a opressiva urbe e esqueceram, numa atitude espontânea de libertação, o *stress*, as amarras do quotidiano que limitam a fruição da vida no que ela tem de mais autêntico, mais belo; que impedem a auto-realização, travam os ímpetos que brotam do mais profundo da nossa condição humana, abafando, à nascença, sentimentos, afectos, ternuras promissoras de uma união, de bálsamos apaziguadores de tensões, conciliadores do eu individual com o eu colectivo, do nosso minúsculo microcosmos com a grandeza do universo.

Assim libertos, deixando-se atrair pela mágica melodia do imprevisto, mergulharam um pouco no sonho da aventura (talvez até mesmo na loucura saudável) e rodaram, estrada fora, rumo à Costa, em busca do doce contentamento de estarem juntos, quase sós, num pequeno Éden “à beira mar plantado”, ainda que fosse somente por uma ou duas escassas horas.

Raquel, que conhecia já aquele acolhedor espaço à beira mar plantado, conduzindo serenamente o carro rumo à Costa da Caparica e, mergulhada na antevisão do que aí os esperava, ao atravessar a Ponte 25 de Abril, contemplou prolongadamente o fulgente rio ostentando o jardim flutuante de mágicas embarcações coloridas e as não menos fascinantes margens que se alongam tanto para Leste como para Oeste, lá onde o caudal das suas águas se diluem nas salsas ondas do imenso Atlântico.

Quanto ao que na alma de Jacob então se gerou, gravou-o ele no cérebro e, para que não o esquecesse mais, assim o registou

«Não tendo a mágica capacidade de ver com nitidez a luz que brilha na alma dos que me rodeiam, e de medir a intensidade das suas sensações estéticas, posso no entanto pressentir as suas vivências internas e, por sintonia com estas ou por forças magnéticas imanentes da mente humana, contemplar o mundo envolvente sabiamente pintado não com tintas mas com gestos aparentemente insignificantes, manifestação e concretização de vontades, com a vibração e a emoção colocada na voz, o calor afectivo das palavras, em suma, com a sensibilidade com que se apreende e se transmite o universo circundante. E, Deus meu, que elementos existiam, nessa tarde que não durou mais que duas horas e meia, mas que um poeta designaria de eternidade, que concorreram para a beleza e encanto daqueles momentos

tão intensa e reconfortantemente vividos! Nesse dia, seguramente que os fados se conjugaram para nos oferecer iguarias tais, que não são só fonte de energia para o corpo, mas, e principalmente, também fortalecem o espírito e são a essência vital que permite ao Homem redescobrir-se, ter uma outra visão do mundo, de aspectos mais belos, mais autênticos, vê-lo com outros olhos através de um “prisma de vivo cristal que o brilho aumenta” e não através de baças lupas que nos limitam os horizontes, que não nos deixam vislumbrar já, a beleza, o fascínio do mundo fantástico da nossa infância.

No fim da estrada, percorrida numa atmosfera inebriante, totalmente preenchida pela aura de um “ente” que irradia uma alegria contagiante, espalha no ar o perfume da sua existência, a fragrância dos seus anseios, que enche a pequena nave com a melodia das palavras pronunciadas por uma voz quente, suave e doce, de timbre cristalino, esperava-nos algo que em tudo excedeu o que de melhor se poderia esperar. Estacionado o veículo que nos servira de transporte, de imediato saltámos para a areia, quase correndo para ver se o pequeno restaurante de praia estava aberto. Felizmente, tal não sucedia; mas os seus proprietários, que aí se encontravam a fazer limpezas, dispuseram-se a confeccionar, exclusivamente para nós, uma refeição de peixe grelhado, que nos foi servida ao ar livre, num ambiente paradisíaco somente reservado a quem um dia fora bafejado pelo sopro divino.

Inundado de luz imanente da minha estrela interior, sentindo na pele os cálidos raios do Sol que brilhava sobre as nossas cabeças, acariciado pela leve e suave brisa que me servia como aperitivo o sensual odor de sal e iodo gerado no seio daquele mar tão límpido e sereno, soando-me ao ouvido, vindo da orla da praia, o murmúrio das ondas que, desfazendo-se em espuma de uma brancura

impressionante, a enlaçavam em delírio amoroso e cobriam com um alvo manto nupcial feito de etéreas fibras naturais por mãos de mágicos tecelões, vivi, num só tempo, vidas de sonho inesquecíveis, enquanto escutava descrições entusiásticas de paisagens pintadas, não por um pincel de mágico artista, mas por palavras proferidas por lábios ardentes de mística paixão, ditadas por um espírito exótico, regado por águas nascentes de uma cultura panteísta de matriz ocidental.

Nutrindo o corpo com deliciosos manjares, preparados e servidos por mãos humanas, mas concebidos por mente divina, foi-nos concedida a graça de alimentar o espírito com o que de melhor a Natureza tem ainda para nos oferecer. O Sol, com o seu fulgurante esplendor, o Oceano, calmo e sereno, qual espelho brilhante, com as suas exalações narcóticas e a melodia embaladora das suas águas, a Terra, de areal fulgente e rochas de tonalidades e cambiantes diversificados, a atmosfera, branda, de um azul celestial incomparável, cruzada por aves de gargantas cristalinas, tornaram aquela parcelinha do Universo num autêntico Paraíso Terrestre, que com pesar abandonámos, e que, desde então, guardo no cofre da minha memória e do meu coração.»

Damaia, 14 de Março de 2018

DOLOROSO OCASO DE UM “AMOR ETERNO”

por

Euluso de Nascimento

Sob tema suscitado por AMLET

Eterna Musa das virgens florestas Sul-Americanas

O cheiro de café invade a casa; respira-se o ar densamente aromatizado em todos os cantos e recantos do lar em que, ainda há bem pouco tempo, a felicidade parecia ser inesgotável e duradoura.

Ela ali está, sentada à mesa, qual estátua grega, eternizando tragicamente a dor humana provocada pelo abandono do ente amado, pelos amores não correspondidos em qualidade e intensidade igual ao que por ele o seu coração ainda acalenta.

Ela ali está, ostentando a nobreza da sua alma, a dignidade do seu carácter indivisível, intocável.

Os seus negros cabelos molhados, espalhados pelos ombros, descem pelas costas, cobrindo parte do seu corpo seminu, perlado de incontáveis gotículas de água escorrentes que dão àquela aveludada pele morena a grandeza de um expositor mágico de pedras preciosas, emergindo do seu corpo fremente, palpitante de amor por alguém que jamais reconhecera o tesouro que cruelmente ora rejeitava.

Um misto de nativa e executiva; de força, energia e encanto da Natureza; de trato fino e elegantes posturas, adquiridas no seio de família saudavelmente estruturada, no convívio social e, fundamentalmente, no processo educativo que dela fez a mulher que se impõe pelas suas qualidades, pela sua capacidade técnica, pelos saberes e cultura que detém; com os seus trejeitos desastrados, desprovidos de preconceitos, e o seu jeito delicado e harmonioso; com sua maneira de ser o que exactamente é, ela assume-se por inteiro: coerente, verdadeira, íntegra, digna, nobre.

Entre a doçura e a amargura que lhe invade corpo e alma, feito o café que tenta tomar, mas não o conseguindo, ela trava uma luta titânica dentro de si: deseja ser forte, enfrentar com realismo a tempestade de sentimentos que lhe foi imposta e, em simultâneo, deixa-se dominar pelo peso da dor que torna o seu corpo fremente, convulsivo.

Dos seus olhos, feitos cascatas, vertem escaldantes lágrimas que, em torrente, sulcam o seu lindo rosto, normalmente sorridente, fazendo dele leito de caudaloso rio.

— Por que choras? Linda mulher.

Ela não consegue parar de chorar e debulhada em lágrimas degusta lentamente o café do jeito que ele gosta.

À sua frente continua o lugar do seu “amor eterno”. Lugar que está vazio...

O café fumegante e aromático está na chávena, esperando o seu “amor eterno”... Mas o lugar está vazio...

Não teve o beijo; não teve o abraço.

Não teve despedida, nem mesmo teve um simples adeus.

Ele não está ali... Ele se foi e nem avisou!

O lugar está vazio... Mas ele deixou as lembranças, a saudade, a tristeza, a amargura que invade dolorosamente a alma da terna e linda mulher que ali,

em solidão esmagadora, se debate com a crueldade do homem que, sem uma leve pontinha de piedade, a abandonou...
Contudo, ele deixou o "amor eterno".

— Por que choras, linda mulher?

Dos seus olhos vertem as lágrimas que não querem cessar.

— Ele se foi..., Mas deixou as lembranças.

Para o seu "amor eterno" ela despiu-se totalmente... Desabotoou as suas roupas e as suas fantasias; mostrou a sua fraqueza e a sua fortaleza; mostrou as suas alegrias e as suas dores; contou a sua história e o jeito com que gosta de fazer amor.

Com o seu "amor eterno" ela mostrou a mulher que sorri, que chora, que vacila, que fica linda, sendo desastrada e atrapalhada; que é fascinante, sendo divertida; que é perfeita quando é sincera.

Com o seu "amor eterno" ela conseguiu ser ela mesma:

Forte e frágil; tola e inteligente; doce e amarga; triste e alegre. Não foi preciso esconder os seus pequenos defeitos.

Mas o seu "amor eterno" a deixou! Nem sequer se despediu...

Deixou a saudade e as lembranças.

Saudades... Saudades dos momentos felizes. Lembranças... Lembranças da linda história de amor.

Dos encontros e desencontros...

Dos amores e desamores...

Das alegrias e das tristezas...

Do amor vivido intensamente... Do amor não vivido plenamente...

E o perfume do café traz a lembrança do seu "amor eterno".

O lugar está vazio!

O café esfriou.

E o choro não quer cessar.

— Por que choras, linda? Por que choras, Mulher?

— Pelo meu "amor eterno", que me deixou!

— Mas tu, linda mulher, sempre forte e sábia, positiva e determinada a não te deixares abater pelas contrariedades da vida; tu, que contornaste dificuldades, anulaste obstáculos, revelaste já, teres alma de vencedora, deixas-te agora submergir pela tempestade provocada pelo abandono de um homem que não te merecia? Oh mítica filha das virgens florestas que ainda persistem na América do Sul, pelo que em ti meus olhos vêem, tu és suficientemente clarividente para visionares nas mais íntimas profundezas da tua alma, os factores do teu desespero, as razões que conduziram o teu inconsistente "amor eterno" a deixar-te, sem piedade, mergulhada na solidão, no deserto da desesperança de tudo e de todos.

— A minha vida não tem sentido, está cheia de encontros e desencontros, de amores e desamores. Tudo é encanto e desencanto; tudo demasiadamente transitório, restando para mim, no final, dor e pranto.

— Mas, linda mulher, afinal não te conheço. Eu quero acreditar que Tu sabes ser forte e determinada, és corajosa e nobre de sentimentos. E assim sendo, por que não exorcizas os males que degradam a tua existência, que torturam a tua alma já destroçada pela dor do abandono?

Porque o “meu amor eterno” me deixou!

Se foi, sem um beijo, sem uma ternura, sem uma palavra e, possivelmente, sem um olhar. Deixou sobre a mesa as chaves desta casa, e se foi.

— Linda mulher, quem te conhece, despreocupada mas responsável, alegre mas com transparências de tristeza, com doce sorriso nos lábios, mostrando a seriedade da alma, com ternura na voz e nos gestos, mas firmeza nas atitudes, nos comportamentos; quem te admira a beleza física, que se harmoniza em pleno com a do intelecto, não pode ser indiferente ao teu penar, não pode permitir-se ser insensível, seguindo em frente.

Linda mulher, reage. Pensa que se ele te abandonou, cruelmente e sem pudor, nesse pranto doloroso, se ele mostrou, sem vergonha, o egoísmo de quem os sentimentos de outrem não contam, de quem apenas usufrui, enquanto lhe apetece, a dádiva do amor de alguém sem cuidar de partilhar afectos, ternuras, em suma, a vida por inteiro, não é merecedor de ser designado por “amor eterno”, nem mesmo é digno de uma lágrima que se escape das pálpebras de uma mulher.

— Mas o “meu amor eterno” me deixou, não cuidando saber da dor que em mim ficou!

Mas o amanhã vai chegar, a dor vai passar, as lágrimas vão secar, a esperança virá de novo, a vida vai prosseguir e eu vou voltar a sorrir-lhe como sempre o fiz; vou guardar no coração o perfume da saudade das felizes vivências passadas.

Damaia, 10 de Abril de 2018

DENÚNCIA SALVADORA

Brenda era uma gentil jovem esbelta, muito elegante, de semblante sempre risonho e um discurso fluente, revelador de uma alegria interior que galvanizava os que com ela conviviam. Bruno, mais velho que ela seis anos, deixara-se prender pelos seus encantos, desde que a conhecera cinco anos antes do que ora aqui se relata.

Fluía a Primavera dos quinze anos de Brenda e esta, como normalmente sucedia, fez a pé o percurso entre a casa em que habitava e a escola onde frequentava o nono ano de escolaridade. Alegre e saltitante como cabrito farto de leite, aí ia ela, agora, por entre um magote de transeuntes que como ela se apressavam para não chegar atrasados aos respectivos destinos; depois, mais adiante, atravessava, a correr, uma passadeira para peões, e, assim sucessivamente, outra e outra, até que chegou ao jardim que antecedia a recta final a percorrer na sua maratona diária. Então, Bruno, que já alguns dias timidamente a seguia, encheu-se de coragem e, acelerando o passo, alcançou-a e, pousando-lhe levemente a mão no ombro, assim lhe falou:

— Menina, peço desculpa pelo incómodo que poço causar-lhe, ao atrever-me a atravessar o seu caminho para a escola. Sei que pode considerar um atrevimento da minha parte ao abordá-la assim sem nunca termos antes sequer cruzado um olhar. Você não me conhece; nunca certamente me viu; mas eu já há largas semanas a acompanho no caminho diário que faz de sua casa até aos portões da escola. Desde o primeiro dia em que a vi, ao sair de casa para fazer este trajecto, tem vindo a crescer em mim uma vontade irreprímível de lhe falar, de lhe dizer o quanto me encanta a sua diáfana figura de fada adejante, fluindo por este mar de gente que todas as manhãs se escoia pelas ruas da cidade, rumo aos seus afazeres quotidianos.

Sentindo a mão nervosa de Bruno, pressionando-lhe levemente o ombro e, confusa pelo que acabava de ouvir, Brenda, ainda que gelada pela surpresa do encontro, conseguiu reagir e, impulsivamente, sacudindo a mão incómoda que lhe pousava no ombro, afastou-se uns passos para diante, em jeito de defensiva. Então, liberta da pressão inicial, replicou, muito segura de si mas com um semblante angélico de teen ager:

— Oh pá, tu desculpa! Eu não te conheço; nunca te vi nem mais gordo nem mais magro. Pelo que ouvi, andas-me a seguir já há algum tempo. Sabes onde vivo; conheces o caminho que todos os dias faço para a escola; observas os meus jeitos

e trejeitos. Enfim, já não sou uma estranha para ti. Mas eu de ti nada sei, e agora não tenho tempo para mais conversa, porque está na hora da entrada para a primeira aula. Se tens assim tanto interesse em me conheceres e, quem sabe, de pertenceres à turma dos meus amigos, podemos marcar encontro para outra ocasião. Para já, posso prometer-te que amanhã saio de casa meia hora mais cedo que o costume. Tu podes esperar à minha porta e assim podemos conversar ao longo do caminho aqui para a escola. ‘Tá?

Face a uma reacção destas, tão espontânea e definitiva, pois Brenda se havia lançado de imediato no *sprint final rumo à escola, Bruno, petrificado pelo choque daquela réplica inesperada, ficou tristemente a olhá-la até ela desaparecer para além dos portões do jardim que circundava o edifício escolar. Desiludido mas não convencido, logo tomou a decisão de na manhã seguinte proceder em conformidade com o que aquela miúda havia determinado sem admitir qualquer outra proposta. Assim decidido, dali se apartou para mais um dia de trabalho, na biblioteca onde aos 19 anos iniciara o seu estado civil de estudante trabalhador. Nesse dia interminável, na mente daquele jovem apaixonado, a imagem da encantadora feiticeira, que desde há largas semanas o trazia cativo, nem por momentos se desvanecera. Foram múltiplas as vezes em que tentou, mas em vão, proceder à classificação decimal das espécies bibliográficas que esperavam em cima da sua secretária de trabalho; também por diversas vezes tentou catalogar estas mesmas espécies, por ser esta operação menos exigente no que concerne à necessária concentração para a realizar. Era de tal modo notório o seu alheamento, que não passou despercebido aos colegas que com ele partilhavam a mesma sala.*

E se Bruno, até à hora marcada para o encontro, andara profundamente perturbado, a jovem menina, ainda que mais levemente, não deixara de sentir nesse mesmo espaço de tempo um ansioso estado de espírito, construindo mágicos castelos na areia que logo se desmoronavam, sendo substituídos por outros, povoados de sonhos inconsistentes que, de igual modo, definhavam.

Na manhã tão ansiosamente desejada por ambos, ainda o sol não havia nascido e já eles se preparavam para não se fazerem esperar um pelo outro.

Chegada a hora aprazada, Brenda, ao sair a porta de entrada do prédio onde morava, já lá encontrou Bruno, que viera meia hora adiantado, impulsionado pela ânsia irreprimível que lhe avassalava o coração. Durante aquele curto espaço de tempo que mediara a sua chegada ao local marcado para o encontro e o momento em que a ninfa dos seus sonhos fez a sua aparição ao mostrar-se na moldura da porta que finalmente se abria, Bruno não cessara de mentalmente construir cenários que ardentemente desejava se tornassem realidade. Quanto a Brenda, a atmosfera que a envolvera desde o acordar até ao momento em que fez a sua aparição, era quase uma réplica do que com Bruno se havia passado.

Agora, que finalmente se encontravam frente a frente, o nervosismo que deles se apossava foi tal, que os deixou paralisados, sem atinarem no que fazer. Passados que foram uns longos segundos, o jovem Bruno lá conseguiu ganhar sangue frio e, estendendo a mão, apertou a de Brenda, que lhe ofereceu a face para que a beijasse.

Vencido este enleio inicial, Bruno foi-se apossando do braço de Brenda e lá foram rumo à escola, cada vez mais enternecidos com as palavras e gestos com que iam construindo os alicerces do relacionamento amoroso, que Bruno há semanas vinha acalentando e Brenda agora tanto desejava. De braços-dados, primeiro, depois abraçados pela cintura ou pelos ombros, lá se dirigiu o amoroso casal cada vez mais enlevado, cada vez mais mergulhado no sonho do qual só despertou ao aproximar-se dos portões da escola.

E assim foi, dia após dia, durante semanas, meses e até mesmo anos, realizado este percurso, até um colega de Brenda, que Bruno só conhecia de vista, lhe fazer uma venenosa denúncia, que poderia vir a tornar impossível o amor que parecia ser indestrutível.

Ainda mal a figura adejante daquela maravilhosa ninfa se havia ocultado para além dos portões da escola, preparando-se o seu adorador para se retirar, quando, subitamente, ao virar-se, se enfrentou com o jovem colega de Brenda que, sem mais detendas, impiedosamente assim abriu o jogo denunciante:

— Oh pá! Tu desculpa por eu te vir agora perturbar o sonho em que te vejo mergulhado, há já algum tempo. Pareces-me um bom gajo e não mereces continuar a ser enganado por uma chavala que te mostra um céu de delícias e te prepara um inferno de vida.

Perante esta inesperada interrupção no que era habitual suceder no seu percurso matinal, Bruno, aparentando firmeza nas palavras, para tentar esconder a tempestade que de repente se abatia sobre ele, assim reagiu:

— Oh pá! Tu és condiscípulo da minha namorada, não és? Que motivos tens que te levam a estares a tentar lançar a discórdia entre mim e ela?

— Já te disse que ela te prepara um inferno, não disse? Se quiseres saber o resto, é só esperares um pouco mais, escondido ali atrás daquele muro, e verás com os teus próprios olhos, ela sair a correr, como faz todos os dias, para trás da escola, onde se vai encontrar com a malta de drogados, que se escondem não sei onde, para de lá voltarem completamente ganzados.

— Olha! Vou ver se posso ainda ir à primeira aula. Cumpri o que a minha consciência me ordenava. Tu agora, que estás informado dos perigos que a tua namorada corre, faz o que achares por bem para a salvar da desgraça em que ela está a mergulhar. Reage de pressa, porque amanhã poderá ser já tarde demais.

Estupefacto com o que acabava de ouvir, Bruno, escassos segundos passados, apelando ao sangue frio que era preciso reaver, decidiu proceder de acordo com o que aquele rapaz lhe sugerira. Esperou escondido que a sua avezinha saísse da gaiola, seguindo-a depois no seu voo até ao local de encontro com os mafiosos que a aguardavam. Assistiu dolorosamente à distribuição da poção de droga que a cada um cabia e, logo de seguida, escondendo-se o melhor que era possível, acompanhou o grupo até ao esconderijo onde uns se injectavam, outros, como a sua Brenda, fumavam a alucinante droga.

Gelado com o que os seus olhos acabavam de ver, retirou-se dali, antes que fosse notada a sua presença, vindo esperar a sua tão pura donzela, junto aos portões do edifício escolar. Ali permaneceu de sentinela, qual soldado em tempo de guerra, alerta, aguardando o perigo certo, que surgiria em breve sem se anunciar.

Não tardaram a esvair-se os segundos, que para ele pareceram anos, e eis que Brenda surge na última esquina que a ocultava aos olhos do seu até então amantíssimo namorado.

Mas, meu Deus! Que mal fizera ao mundo este jovem apaixonado, para ter que sofrer tamanho desgosto, ao ver aproximar-se a feiticeira dos seus sonhos, que até então haviam sido vividos como realidade imperecível e agora se tornavam nuvem negra, indiciando tempestade iminente. Quanto mais se aproximava ela do local onde o destroçado jovem enamorado a esperava, tanto mais aquela visão da fada dos seus encantos, lhe parecia transformada num farrapo humano, lhe toldava os olhos, lhe embotava a mente, gerando na sua alma um misto de raiva com sentimentos de piedade por aquela que fora o seu paraíso e era agora o punhal que se lhe cravava no coração.

E foi neste combate interior, em que as nuvens negras que lhe toldavam o sol, que por de trás delas continuava a brilhar e a esperança de poder ainda salvá-la das garras daqueles malditos demónios que tantas desgraças geram no seio de famílias bem estruturadas, que tanto contribuem para a degradação dos grupos de amigos, das sociedades em que eles próprios se inserem; foi neste transe doloroso que, quase murmurando, assim recebeu nos braços a sua amantíssima menina, que tanto precisava agora de mais carinho e amor do que de palavras e atitudes condenatórias.

— Amor de minha vida! Tu sabes o quanto eu te amo; sabes que quero construir contigo uma família em que o conforto esteja sempre presente, em que a harmonia reine permanentemente, em que a alegria de viver seja constante. Conheces bem os meus sonhos, sabes o quanto trabalho para me valorizar profissionalmente para poder vir a construir um futuro em que possamos ver os nossos filhos crescer saudáveis física e intelectualmente, sem carências de qualquer ordem. Minha menina, amor de minha vida! Promete-me que vamos os dois fugir às garras deste inferno que nos quer devorar. Nesta luta, como em

todas as outras que possam vir a surgir, estarei sempre a teu lado, pronto para te defender, para proteger o nosso amor. Promete-me, Brenda crida! Diz-me que sim! Que vais fugir desse bando que te quer lançar na desgraça!

Ouvindo e vendo o seu Bruno querido assim tão amoroso, tão terno, Brenda não conseguiu conter uma torrente de grossas lágrimas que, copiosamente, lhe sulcaram o rosto, quais pérolas preciosas apaziguadoras da dor sentida durante os escassos minutos decorridos entre o avistá-lo junto à escola e o sentir-se abraçada com tanto amor e carinho. O seu rosto desfigurado pelo charro que havia fumado, como que sofreu uma metamorfose que lhe devolveu a beleza, o encanto que parecia perdido para não mais voltar. E assim amorosos, abraçados com tanta ternura, alheios aos mirones que neles cravavam os olhares sensórios sem nada entenderem do drama que ali ocorria, permaneceram prometendo-se eterno amor, combate a tudo o que pudesse constituir obstáculo à sua união.

E se em promessas de terno amor, de edificação de um futuro em que o sol de suas vidas não cesse de brilhar, de lhes aquecer o corpo e a alma, futuro em que não haja tempestades demolidoras da sua união, eles se confinaram, não menos o demonstram os procedimentos rigorosos que adoptaram, sem nunca deles se desviarem, para que o êxito da sua empresa amorosa não fosse beliscado, não fosse condenado à falência.

Brenda matriculou-se num outro estabelecimento escolar, situado bem longe dali, vindo depois a ingressar na universidade; os seus pais foram postos ao corrente do que se passava, tanto no respeitante ao namoro de sua filha, que até então ignoravam de todo, como dos perigos que ela corria se se mantivesse a frequentar o espaço escolar infectado de passadores de droga.

E assim, um alerta de um amigo de mente sã, que de início parecera a Bruno um denunciante maldoso, conjugada com o bom senso, com o amor incondicional com que este acolheu nos braços a sua princesa, a esposa e mãe em que se tornara, salvando das garras da desgraça uma vida prestes a mergulhar no abismo de onde só raros heróis se conseguem libertar.

Damaia, 30 de Abril de 2018

NUM BANDO DE MENINOS DE RUA TAMBÉM HÁ GRATIDÃO

Na terra em que nascera passou a protagonista da história que aqui narramos, toda a sua meninice travessa, demonstrante de uma personalidade própria dos que tomam a vida nas mãos, não deixando espaço a quem os tenta vergar, mudar de rumo ou mesmo limar arestas comportamentais que porventura possam no futuro gerar dissabores indesejáveis e, tantas vezes, situações extremamente perigosas, como a que motiva a narração aqui presente. De lá saiu mais tarde, trazendo Machado com todas as recordações bem vivas na alma, em busca de um Belo Horizonte pleno de frondosas florestas, matas e extensas fazendas; de fabulosos jardins, lagos de límpidas e cristalinas águas coabitadas por, não só pelos seus naturais residentes, mas também por anfíbios, canoras aves de rica e brilhante plumagem; de lá veio para a grande cidade, convencida de que aqui ela própria tomaria o leme nas mãos para conduzir a barca da sua vida para porto seguro, sulcando mares bonançosos, por vezes de vagas mais eriçadas, ou até mesmo raivosamente tempestuosos; de lá se apartara grávida de esperanças de que um mundo em plenitude a aguardava de braços abertos, promissor de inteira realização pessoal.

Do berço da sua infância e parte da sua juventude, se despediu ela, ainda que levando o perfume da saudade dos bons momentos que ali passara, com uma nova alma que aos optimistas, aos puros de coração, mostra somente o lado bom do por vir.

Naturalmente que em todo o percurso de vida que passou a trilhar, não faltaram momentos de desalento, de tristeza e até de amargura; não foram assim tão raras as ocorrências que a forçaram a beber a amarga mistela de fel e vinagre semelhante à que ofereceram a Jesus Cristo, quando do alto da cruz clamou que tinha sede. Todavia, em contraponto, ela promoveu-se culturalmente, atingiu no âmbito profissional o elevado cargo de directora de um distinto colégio. Namorou, casou, divorciou-se traumáticamente. De novo namorou, mas sem sucesso, por muitos foi pretendida sem a sua aceitação, porque sempre vislumbrou nessas propostas objectivos ocultos bem distintos dos valores ético-religiosos que desde de menina pautaram a sua conduta em todos os actos de relacionamento de cariz humano.

Do seio de uma família profundamente católica, bem alicerçada social e financeiramente, se emancipou, aderindo por convicção, a uma igreja evangélica, e também por convicção, deu asas à sua inata tendência para ver nos que mais sofrem a pobreza, seja ela de natureza material ou espiritual.

Ainda tenra menina, e já nela se podia visionar o quanto lhe era grato despojar-se dos bens que lhe pertenciam, para dar o que ela sempre tivera em abundância, a crianças, mendigos, doentes — em suma, a gentes desprotegidas da sorte.

E se assim dera sinais de elevado altruísmo até atingir o estatuto de adulta, não era de menor valor, quer em quantidade quer em qualidade, os que tem intensificado ao longo da sua maturidade, não raramente revelando ingenuidades próprias de adolescente que não colheu das experiências passadas os ensinamentos demonstrativos de que o mundo em que vivemos tem tal como a lua o seu lado negro, que nele não há somente beleza, bondade, homens de bons sentimentos, mas que, em contra partida, ele demonstra, com

toda a sua evidência que o mal impera, escondido por de trás de cada esquina, em qualquer recanto, pronto a saciar a sua sede. Sempre teimosa e incauta, menosprezando os perigos mais notórios aos olhos de qualquer comum mortal, ela foi passando por eles, ainda que com alguns danos mais de natureza ético-moral, sem que fosse significativamente molestada. E assim, qual aventureira inconsciente, desprezando os perigos que a espreitavam, foi-se lançando, cada vez mais confiante na sua estrela da sorte que até então a havia protegido de danos maiores, por veredas e trilhos que qualquer outra mulher mesmo ousada evitaria, e, convencida de que passaria incólume, por mais perigosos que fossem os actos que praticasse, se estes fossem de natureza humanística.

Sucedo que, no fim de uma tarde, já quase noite, vindo ela de cumprir mais um dia de actividade profissional no colégio de que era directora, lhe saiu ao caminho um garoto de rua que lhe pedia uma esmolinha para poder comprar um pãozinho, que desde o dia anterior à noite nada mais comera do que dois ou três bagos de uva que uma senhora, ao vir do mercado, tivera a bondade de lhe dar. Comovida, como sempre que se lhe deparava com situações deste jaez, Raquel (assim era o nome da protagonista desta história) abre a sua carteira, retira de lá um porta-moedas donde saca a nota de vinte euros que entrega, feliz, ao garoto, recomendando-lhe que os gaste para se alimentar e nunca para se drogar.

Face a esta gorda e inesperada esmola, o miúdo, que vinha com intenção de roubar à senhora chique que ele todos os dias via por ali passar à mesma hora, a malinha que ela trazia ao ombro, quando esta distraidamente a estivesse abrir, ficou desconcertado, hesitante, sem saber o que fazer. Roubar? Não roubar e ganhar a sua confiança para mais tarde poder vir a colher frutos mais suculentos? Claro que a escolha para o patifório do garoto não era fácil. Com aquela esmola tão fabulosa ela, por um lado, demonstrava ser uma benemérita, seguramente ganha para outras de igual valor, ou, quem sabe, de preço mais elevado, mas, por outro, poderia estar a perder a única oportunidade para encher os bolsos com o grosso maço de notas que vislumbrou dentro da malinha, quando Raquel de lá retirou a nota que assim o deixou tão confuso. Rouba, não rouba. O que fazer? Desta vez decidiu pela segunda hipótese, pelo facto insólito de se sentir tocado pelo sentimento da gratidão, que jamais o impedira de consumir os seus planos de assalto, fossem as suas vítimas crianças, jovens, adultos ou velhos; fossem ricos, remediados ou até mesmo pobres; fossem feios, bonitos, simpáticos, antipáticos ou de sorrisos cativantes como os da senhora chique que agora estava mesmo ali à mão de semear. Para este garoto magrizona e sujo não era nada difícil lançar a mão à malinha, dar um puxão bem forte e fugir. Mas não. Desta vez não. Ela era tão simpática, tão carinhosa. Entregara-lhe na mão a valiosa nota com tanta alegria no olhar, que ele, grato por tal visão, sentiu dentro de si o impulso da gratidão, e em obediência a este sentimento até agora nele inexistente, sorriu, e segurando a mão de Raquel, mal murmurou nervosamente estas duas ou três curtas frase.

— Sabe Senhora, eu vinha para roubar a sua malinha; mas a senhora tratou-me como ninguém até hoje me tratou. Obrigada, Senhora. Agora vou ter com os meus companheiros. Vivemos ali escondidos naquele barracão de obras. Sei que eles vão dar-me porrada por eu não ter roubado a Senhora como eles me mandaram. Mas...

Raquel, escutando com toda a atenção o miúdo de rua, comoveu-se e apesar dele estar imundo, esfarrapado, descalço e mal cheiroso e ela elegantemente vestida e perfumada, pôs-lhe a mão na cabeça dizendo-lhe:

— Olha, menino! Não te preocupes, porque os teus colegas não te vão bater. Vais ver que eles até te vão agradecer o teres sido assim gentil para comigo. Diz-lhes só que eu vou voltar mais vezes para vos ajudar com comida, roupa e também com dinheiro, quando isso for mesmo necessário.

Ouvindo estas promissoras palavras, o garoto, grato, choramingando, disse adeus a Raquel e, olhando ainda uma vez mais para trás, a ver a sua protectora a afastar-se do local, desapareceu para o interior do covil onde se abrigavam de tudo o que lhes perturbasse a existência de marginais.

E se Raquel bem o disse àquele miúdo de rua que ia proteger o grupo onde ele se incluía, melhor o realizou logo no dia seguinte. À porta do tugúrio onde se alojava a quadrilha de rapazes sem abrigo, estavam com o protegido de Raquel quatro mândios bem mal encarados. Ao vê-la aproximar-se os seus semblantes carregados logo se desanuviaram, transformando-se mesmo em risonhos semblantes, quando se aperceberam de que ela trazia comida e alguma roupa para eles, cumprindo assim a promessa que fizera ao miúdo camarada. Quando este lhes contara na véspera que tinha conquistado as graças de uma protectora do bando, eles não acreditaram, mas também não agrediram fisicamente o camarada, ficando à espera de provas dadas. Agora sim. Tudo estava claro. Tinham uma linda e bondosa senhora que se tornara amiga do grupo e, ao que parecia indubitável, desejava ser a protectora daquele infeliz grupo de rapazes da rua, que vendo-se não escorraçados como feras, mostram possuir sentimentos de gratidão para com os que os acolhem, os tratam como seres humanos.

Desde esse dia em diante, sempre Raquel havia sido recebida por semblantes prazenteiros, rostos sujos mas sorridentes; olhares amistosos, mesmo com carga de grande afabilidade. Porém, a meio da tarde de um dia extremamente quente, invadiu aquele tugúrio imundo um latagão com aspecto de assassino que vinha armado de revólver no coldre, e com ele ameaçava quem se opusesse às suas exigências maléficas.

Perante esta visita indesejável, os meninos, cheios de medo do que ele lhes pudesse fazer, e quase aterrorizados com o que aquele colosso assassino iria certamente fazer à benemérita Senhora que ao fim da tarde sempre os vinha visitar trazendo, pelo menos, qualquer coisa que lhes pudesse matar a fome, à janta, tentaram por mais que uma vez convencê-lo a ir descansar nos fundos do barracão, porque aí estava sempre mais fresco. Não conseguindo afastá-lo do posto de vigia onde se havia colocado, logo que chegara ao esconderijo dos garotos, retiraram-se eles para o mais recôndito do casebre que lhes servia de abrigo, e ali, quase em linguagem gestual para não serem ouvidos, traçaram um plano de defesa, para evitar que a sua protectora sofresse qualquer dano. O Bilas, que era muito ágil e estava habituado já a manobras desta natureza, ia, sem demora, encavalitar-se nos ombros do Tancredo — um dos mais altos do grupo. Depois retiraria uma telha, com o máximo de cuidado para não ser descoberta a operação em curso e, como veloz falcão voaria ao encontro da Senhora que tão bondosamente os tem tratado.

Dito e feito. Escassos minutos passados e vamos já encontrar o Bilas a explorar as ruas por onde pudesse vir a benemérita Senhora que os tratava como gente e não com o

desprezo habitual da sociedade em geral. Percorreu uma rua, espreitou por outra, explorou o melhor que soube todas as vias que vinham desembocar no terreiro em frente do barracão. Nada! Tudo em vão!. Desesperado, porque a hora da visita de Raquel se aproximava a passos rápidos, entrou numa loja, roubou uma faca de ponta bem afiada e ao sair, munuiu-se de pau e pedras para o que desse e viesse. Nervoso, mas não descontroladamente, desceu a rua mais veloz que um raio, dobrou a última esquina que o impedia de ver a cena que desejava nunca ter visto. Aquele monstro horrendo apontava o revólver à cabeça de Raquel, rugindo que disparava se ela não lhe entregasse já a malinha com todo o seu conteúdo.

Meu Deus! O garoto ainda que consciente que Viera tarde, demasiado tarde e que Raquel antecipara a hora da visita já habitual, não deixou que o seu sistema nervoso se descontrolasse, impedindo-o de fazer o que tem que ser feito. Apelou ao seu sangue frio, agora tão necessário como o pão para a boca, avançou, seguro dos seus propósitos, com a mão, que segurava a pedra fatal, escondida atrás das costas para o assassino nada desconfiar e, aproveitando o momento azado para a acção, quando Raquel, agachando-se transida de medo, deixou completamente a descoberto a carantonha da fera, lançou, certa, como David contra Golias, a pedra, que, passando rasante por cima dos caracóis da elegante Senhora, lhe abriu uma larga brecha na cana do nairiz, mesmo entre os olhos.

Estava ganha a batalha. Bilas corre, de faca já na mão, pronta para matar, se tal fosse necessário, gritando para os companheiros de grupo:

— Oh meus cabrões! Cobardes da porra! Filhos da puta! Vocês não percebem que a nossa mãe querida está em perigo de vida? Venham ajudar-me a salvá-la! Venham para a luta contra este monstro horrível.

Seguiu-se então uma corrida contra o tempo, aproveitando os poucos segundos em que o colosso, esvaindo-se de sangue e de consciência, baixou a arma mortífera, torcendo-se de dor.

Os garotos que, como havia sido previamente concertado, se perfilavam já à entrada do casebre, prontos para atacar o assassino pelas costas, carregaram em força sobre a lombaça do gigante, prenderam fortemente a mão com que ele ainda segurava o revólver, e Bilas, aproveitando o momento deu golpe profundo no punho dessa mesma mão, enquanto todos gritavam, quase em unísono:

— Foge, Senhora! Foge rápido! A arma está carregada! Mata!.

Transida de medo, e enquanto os heróicos lutadores tentavam anular o colossal monstro, Raquel teve ainda o discernimento necessário para deixar junto da porta daquele triste abrigo de meninos famintos, os víveres que trazia para que pudessem ao menos ter uma refeição por dia, e, feito isto, afastou-se dali o mais rapidamente que as suas pernas trementes podiam, não descansando senão quando se sentiu em segurança já dentro de casa e de porta bem fechada.

Damaia, 20 de Maio de 2018

DIA FATÍDICO

Helena era uma devota colaboradora da igreja paroquial onde todas as semanas despendia uma boa parte do seu tempo livre, quer em actividades de conservação e higiene, quer ajudando o Prior na organização dos arquivos, na elaboração dos diversos registos inerentes aos serviços eclesiais, quer, como catequista, preparando miúdos para a Primeira Comunhão.

Sucede que, nesse dia (primeira Sexta-Feira de Maio) ela, bem cedinho, deixa o conforto da sua cama, e depois de deixar na carrinha do colégio os seus dois filhos, veio terminar as lides domésticas habituais em cada manhã, seguindo depois para a igreja, para dar catequese a um grupo de garotos que se preparava para, em Junho, comungarem, em cerimónia solene, pela primeira vez.

Tudo, enquanto dentro de casa, corra como de costume e, Cerca das nove horas, estando em ordem os afazeres domésticos,, pôs ao ombro a sua malinha e saiu, fechando atrás de si a porta de casa. Desceu os degraus conducentes ao jardim e, percorrendo o empedrado até ao portão, uma sensação de angústia ensombrou-lhe o espírito. Contemplou detidamente o roseiral, lançou um olhar triste, como que de despedida, aos canteiros de cravos, dalias, hortênsias e demais espécies florais e, mansamente, como quem sente que o tempo lindo vai-se esgotando, fecha o portão e, lentamente, afasta-se da moradia, olhando sempre para trás até ao dobrar da esquina.

Já na rua perpendicular à sua, olha o relógio e, verificando que já não é nada cedo, acelera o passo, sacode a cabeça, como que a exorcizar os fantasmas que lhe embotaram a razão, recuperando assim o tempo perdido em devaneios negativos. Chegada a tempo e horas, logo dá início à sua função de catequista. Tudo vai bem: Os meninos esperavam-na já sentados nos seus lugares; as suas colegas, que entraram ao mesmo tempo que ela, dirigiram-se para os grupos respectivos, e assim se sucederam duas horas de encantamento, porque Helena se sentia como que mãe espiritual de todos aqueles meninos que ela preparava para viverem na Fé que ela professava.

Cumprida que fora a sua missão de hoje, logo os garotos saem em debandada e ela, que já estava atrasada, porque tinha uns afazeres antes de regressar a casa, também não se demora. Acena um bye-bye às outras catequistas e, rapidamente, abandona a igreja e, já na rua, acelera o passo. Num ápice percorre o passeio que conduz ao largo da estação. Aí chegada, atravessa-o sem demora, mas ao chegar ao lado oposto, depara-se com um jovem deficiente visual que dá mostras de alguma hesitação para atravessar precisamente para o lado de onde ela vinha.

Face a esta ocorrência, ainda que tendo pressa, de imediato decide o que fazer. Pergunta ao jovem se precisa de ajuda, e porque este dissera, com agradecimento antecipado, que sim, ela segurou-lhe no braço e conduziu-o à outra margem do largo.

Sorridente e meiga, feliz pela obra que acabara de fazer ao próximo, despediu-se com um “vá com Deus”, e, atravessando de novo a praça, agora em sentido contrário, foi colhida por um carro que ali a deixou estendida no asfalto, morta, tão cedo ceifada da vida. Num ápice, Helena deixara a vida e dois filhinhos órfãos que tanto dela necessitavam. Num breve instante tudo o que era terreno cessara para ela, precisamente

quando acabava de praticar um acto de amor ao próximo, mandamento Cristão que desde menina abraçara, e sempre ensinara aos meninos que na catequese lhe eram confiados.

Damaia, 20 de Dezembro de 2019

VENCE A ASTÚCIA

Naquele dia, quando ainda o sol mal se adivinhava por detrás das montanhas a Oriente, já Pedro Malaquias se levantava, do mesmo modo angustiado como nos últimos tempos. Ele sofria por sentir que a sua robustez jovem e homem maduro havia já sido anulada pela velhice prematura que se fizera acompanhar por um séquito de doenças que teimosamente se recusavam a abandoná-lo; e, para cúmulo, pelo facto de o seu filho mais novo, que ainda não abandonara a casa paterna e era o único apoio que tinha para suprir as suas insuficiências, estava injustamente a cumprir uma pena judicial por se recusar a ser um denunciante de um seu amigo que furtara as jóias da D. Gertrudes.

Pedro Malaquias, lembrando os tempos de juventude e maturidade em que nunca se recusara ao trabalho, em que não hesitara ao enfrentar o tenebroso mar quando ele com os seus companheiros decidiam ir à pesca sem saber se voltariam a terra, tal como jamais se escusara cultivar as hortas que herdara dos seus pais.

Sucede que destes estados de alma sempre ele dava conhecimento ao filho, quer quando lhe escrevia, quer quando o visitava, e, em consequência disso, este, ao saber que o pai se andava a martirizar com o facto de a terra para a plantação das batatas ainda não estar cavada, logo planeou a forma de solucionar o problema. Ele sabia que a sua correspondência era lida pelos guardas prisionais e assim escreveu uma carta ao pai manifestando o seu regozijo por desta vez a terra não ser cavada, já que ele tinha lá enterrado uma panela contendo as jóias da D. Gertrudes.

E se bem o pensou melhor o executou. Escreveu a carta, esta foi lida pelos guardas que de imediato mandaram passar a pente fino o terreno visado, mas nele nada foi encontrado.

Assim, devido à astúcia do filho, Pedro Malaquias teve a alegria de ver a terra toda cavadinha, pronta para nela se plantarem as batatas, enquanto que os cavadores mandados fazer o trabalho ordenado pela Justiça, foram, de mãos a abanar, prestar conta do seu infrutífero trabalho.

Damaia, 14 de Janeiro de 2020

TRAIÇÃO DE UM AMIGO

Estamos em época de carnaval. São quatro horas da tarde. Chove lá fora, mas a temperatura está demasiadamente amena para o mês de Fevereiro que ora ocorre.

Júlio César, sentado na sua mesa de trabalho, escuta a chuva que mansamente vai tamborilando na vidraça da janela que o separa da atmosfera que em breve terá que enfrentar. Ele, enquanto aguarda a chegada da mulher que lhe preenche o coração e a mente, coloca em pastas os documentos que processara ao longo da manhã. Está aparentemente calmo, esperando que o telefone toque a anunciar-lhe que está à porta a sua Vitória.

O que demonstra que essa sua tranquilidade é apenas aparente é revelado pela frequência com que consulta o relógio, e principalmente pela agitação e tremura da mão, ao levantar o auscultador, murmurando um quase imperceptível “sim”. Ciente de que a mulher por quem ansiosamente esperava está agora por ele esperando e, portanto, tem que se apressar. Veste nervosamente o casaco, pega na pasta que sempre o acompanha e abandona rapidamente o local de trabalho.

Num ápice anula o espaço que o separa da eleita do seu coração e, já juntos, saúda-a com um beijo, dá-lhe o braço e ambos se dirigem para o veículo que ela deixara no parque de estacionamento. Já no interior do carro, coloca-se o problema de onde irem durante o tempo que os separa da hora marcada para o encontro com os amigos.

Com o tempo que então se fazia sentir, era difícil a escolha. A chuva tornara-se mais intensa, puxada por um ventinho que progressivamente se havia transformado em forte ventania, a qual, sacudindo as árvores, as obrigava a contorcer-se, projectando para cima da capota do carro a água que com o seu peso lhes vergava a ramagem.

Avaliando a situação, ali foram ficando no doce enlevo de estarem juntos, contemplando o microcosmos envolvente, até que Vitória sugeriu que talvez fosse melhor irem dali para junto do rio, em Santa Apolónia, porque aí estariam menos expostos aos olhares indiscretos dos transeuntes que, no local em que se encontravam, constantemente desfilavam. Com a concordância de Júlio César, logo dali se partiram rumo à zona ribeirinha. Carregando o acelerador como era seu hábito, Vitória dirigiu-se para o Marquês, desceu a Avenida e rapidamente deixou para trás os Restauradores, o Rossio, descendo já a Rua do Ouro. Chegados ao Terreiro do Paço, volta à esquerda e, enquanto o diabo esfrega um olho, anula o espaço que a separa do local visado e vai estacionar bem junto da margem do rio.

Agora, com o motor do automóvel já desligado, Vitória dá uma olhadela ao espaço circunjacente e, verificando que tudo ali está calmo e deserto, acomoda-se no lugar do condutor, aperta o braço do seu companheiro e exclama:

“Ah! Aqui ao menos não temos mirones importunos a coscuvilhar o interior do carro! Já reparaste que aqui até o tempo é amigo? O vento acalmou; à chuva sucedeu um leve chuvisco; o rio está ondulante mas não demasiadamente”.

Com o perímetro de terreno envolvente em sossego, sem importunos a andarem por ali, toda a atenção daqueles dois amantes da natureza se voltou para o que se desenrolava no rio. Atraía os seus olhares as embarcações navegando para a outra margem ou de lá procedendo; cativava-lhes a atenção a ondulação, quando esta, mais eriçada, ameaçava galgar a margem do rio, pondo as suas vidas em perigo; despertava-lhes a curiosidade o adejar das gaivotas tão depressa se elevando na troposfera com num ápice mergulhando nas ondas para de lá voltarem com pescaria pendurada nos bicos. Assim, quase esquecendo o fluir do tempo, ali se mantiveram tranquilamente até às sete, hora marcada para o encontro com os amigos, e, esgotado o espaço de tempo de que dispunham para estarem sós, deixaram a quietude do local, embrenhando-se de novo no fervilhar da cidade.

De novo a caminho do Terreiro do Paço, tomam a direcção do Martim Moniz, rumo à Almirante Reis, encurtando o percurso conducente ao restaurante onde já se encontra uma boa parte dos convivas que aí vão dar início a uma noite carnavalesca.

Chegados finalmente os retardatários, todos, em grande algazarra, tomam os respectivos lugares à mesa, prontos para alegremente confraternizarem, ingerindo, para já, as entradas que embelezam a alva toalha, seguindo-se os pratos de carne ou peixe. Tudo se processa a contento de todos: Boas iguarias, pratos de boa qualidade e bem confeccionados; vinhos ou outras bebidas quaisquer a gosto do freguês. E quanto a sobremesas? Meu Deus! É uma delícia! Há quem já vá na terceira dose.

Findo o repasto, com toda a gente mais ou menos alegre e mesmo alguns bastante eufóricos, muito próximo de etilizados, cada um toma o respectivo lugar na viatura que o levará à casa de Daniel, onde tudo fora previamente preparado para que aí se goze em pleno o Carnaval digno desse nome.

O carro de Vitória, que além dela e Júlio César, transporta também Gardénia e Caio, segue logo atrás do de Daniel, que conduz a caravana até à sua casa.

Parqueados já os carros no largo em frente do prédio onde fica o apartamento que os espera, todos se dirigem para a porta de entrada. Então, porque o grupo é razoavelmente numeroso, uns sobem de elevador e os mais impacientes vão pela escada.

Agora, já no hall de entrada, penduram-se no bengaleiro as malas de senhora e casacos, e dali se espalham os convidados pelo apartamento a admirar como tudo ali está devidamente organizado. Apartamento suficientemente grande para um pessoa só, com Uma ampla sala de jantar, uma cozinha bem equipada e de superfície razoável, um quarto de dormir de grandes dimensões, e o mobiliário e os quadros suspensos por todo o lado harmonizando-se perfeitamente com a arquitectura interior do espaço habitacional.

Com um ambiente assim tão acolhedor, uma atmosfera inebriante como aquela que ali se respirava, uma mesa repleta de iguarias vistosas a desafiar os apetites, uma sangria que Daniel e Basílio prepararam, a exalar odores afrodisíacos, uma música trepidante que já se fazia ouvir, tudo parecia anunciar uma noite em pleno.

Dançou-se e cantou-se com muita alegria e animação, comeu-se e bebeu-se à farta até a exaustão tomar conta dos foliões.

Alta madrugada, não podendo mais, de cansaço, uns quantos foram em busca de penates e os restantes decidiram, a convite do anfitrião, dormir ali mesmo nos sofás que ladeavam a sala.

Tudo era normal, tudo era naturalmente aceitável. Daniel cedeu mesmo a sua cama a quem nela se quisesse deitar, preferindo ele dormir no sofá mais pequeno com a Amélia dos olhos doces. Quanto a Júlio, Vitória, Basílio e Caio, deitaram-se por esta ordem no sofá grande.

Tudo até àquele momento havia sucedido em pleno. Nada ensombrara o sol que iluminara e aquecera os corações daquele grupo de amigos ali reunidos para se divertir e não para se molestarem. Ainda que até então, alguns estivessem já um pouco ébrios, ninguém se excedera. Não houve quem ultrapassasse os limites do decoro e do devido respeito ao próximo.

Mas, como não há mal que não acabe nem bem que sempre dure, pouco tempo passado depois de cada um se ter aninhado a seu contento, Júlio César nem queria acreditar no que se estava a passar ao seu lado. De princípio atribuiu a sua percepção a confusão mental provocada pelo cansaço e pela sangria. Não podia ser verdade estar o seu amigo Basílio a seduzir a mulher que ele há tanto andava a tentar namorar. Não. Ele não admitia que agora, quando o relacionamento entre ele e Vitória começava a fazer sentido, um seu amigo viesse desmoronar o que tanto lhe custara a edificar. Não era admissível que de um momento para o outro um indivíduo que dizia ser seu amigo, lhe destruísse, sem escrúpulos, o sonho que ele tanto acalentava. Era baixeza demais. Era preciso não ter carácter para assim proceder.

Estando Júlio César tentando conter a revolta que lhe ia na alma, pareceu-lhe ouvir Vitória a chorar baixinho. Apurou o ouvido, mas não por muito tempo, porque Basílio, revelando-se um falso sem vergonha, assumiu a sua máscara de santo e, debruçando-se sobre o corpo de Vitória, disse, ao ouvido de Júlio César, que ela estava a chorar e, acto contínuo, pegou-lhe na mão, puxou-a para o corpo de Vitória dizendo: “Vá, faz-lhe uma carícia...”

Então, porque não fora feita a sua vontade, insistiu na ordem dada, mas calou-se de imediato, ao ouvir como resposta seca, mas firme, “Eu não entro em promiscuidades”.

Damaia, 7 de Fevereiro de 2020

Esclarecimento

alguns destes contos foram publicados em Ponto-E-Som e outros levados a público em Jornalinho e outros suportes electrónicos.